

— CADA NUMERO CONTÉM UMA OBRA COMPLETA —

A NOVELLA POPULAR.

N.º 179



Aventuras extraordinarias dum policia secreta

O homem da mão decepada



EDITOR E PROPRIETARIO, F. A. MIRANDA E SOUSA

COMPRIMPA NA EMPLUSITANA EDITORA

C. DO FERREGIAL, 23 PERTENCENTE AO EDITOR

PREÇO

60
REIS

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

DA NOVELLA POPULAR

C. DO FERREGIAL, 23, LISBOA

A Novella HISTORICA

Publica o quinzenal de grande formato
Cada numero um episodio completo

60 R\$. A PUBLICAÇÃO MAIS BARATA de PORTUGAL R\$. 60

As mais notavel e sensacional
das novidades litterarias

Edição esmerada, cuidadosamente impressa
e composta em magnifico typo

E' um trabalho vasado em moldes inteiramente novos que
formará a mais completa, a mais curiosa, a mais instructiva

HISTORIA de PORTUGAL

Desde os tempos primitivos até á actualidade

Volumes publicados:

- | | |
|---|---------------------------------------|
| 1 Viriato, o heroe luso | 19 A Rainha Adultera |
| 2 Roma na Lusitania | 20 Maria Telles |
| 3 Os barbaros do Norte | 21 Mestre d'Aviz |
| 4 A Invasão dos Arabes | 22 Padeira d'Aljubarrota |
| 5 Fundação de Portugal | 23 O Barbadão |
| 6 O cerco de Guimarães | 24 O Magriço ou os Doze de Inglaterra |
| 7 Egas Moniz | 25 Os Tripeiros. (Tomada de Ceuta) |
| 8 Conquista de Lisboa | 26 Descobrimento da Madeira |
| 9 Giraldo Sempavór | 27 O Alfageme de Sant rem |
| 10 D. Fuas Roupinho (Milagre da Nazareth) | 28 O monarcha eloquente |
| 11 Tomada de Aleacer | 29 A tração de Alfarracheira |
| 12 Rainha D. Mécia | 30 Escola de Sagres |
| 13 O Bolonhez | 31 A Beltraneja |
| 14 O rei trovador | 32 Conspiração dos nobres |
| 15 Rainha Santa Izabel | 33 Rei Venturoso |
| 16 A Batalha do Salado | |
| 17 Ienez de Castro | |
| 18 Vingança de Rei. | |

A seguir:

- | | |
|-----------------------------------|-------------------------|
| 34 Expulsão dos infeios | 37 O Brazil. |
| 35 Vasco da Gama | 38 O Primeiro Viso-Rei. |
| 36 A matança dos christãos novos. | 39 A Conquista de Goa. |
| | 40 O Inquisidor. |

EMILIO GANTE

HISTORIA POPULAR DA PROSTITUIÇÃO

Desde os primitivos tempos até á actualidade

Acham-se publicados os quatro volumes

I Obscenidades primitivas—A Prostituição na Antiga Grecia 300

Impudicicias de Roma Primitiva — Devassidão dos Romanos..... 300

III Dêsmoralisação Franceza—Tempos modernos.. 300

IV (e último volume) Tempos modernos..... 300

IVRO DE LEITURA
para a 4.ª classe dos Lyceus
=1 volume illustrado 400 rs.=

JIU-JITSU
I vol. edição de luxo com 19 bellas
c + fotografuras de pagina +
600 reis

Modern-Bibliotheca

Collecção de romances dos melhores auctores

Edições luxuosissimas

com bellas e numerosas gravuras intercalladas

no texto

A Modern-Bibliotheca é constituída por edicoes luxuosas e artisticas; e insere as obras primas dos melhores escriptores modernos.

Volumes publicados:

- I—Ditoso Iar, por Marcel Prévost
II—Aphrodite, por Pierre Louys
III—Prima Laura, por Marcel Prévost

500 Rs. Preço de cada volume Rs. 500
brochado

TRATADO PRATICO DE GIMNASTICA SUECA

por L. C. Kumlien.

Edição de luxo, profusamente illustrada, formando um elegante vol. in 8º gr.

300 rs.

de

Aventuras de LORD JACKSON

Genial e audacioso policia .amador

Unico rival de Sherlock Holmes

A serie completa d'esta obra compoz-se dos seguintes volumes:

- | | |
|-----------------------------------|--|
| 1 Crimes no palacio Jackson | 18 Jackson envenenado |
| 2 O osso d'uma perna | 19 Ressurreição de Jackson |
| 3 Evasão d'um malvado | 20 Sapatos de defuncto |
| 4 Crimes impunes | 21 Lord Jackson contra Sherlock Holmes |
| 5 Calvario d'um assassino | 22 Mulheres policias |
| 6 Um attentado terro ista | 23 Um milhão de francos |
| 7 A creança martyr | 24 As bravatas de um Yankée |
| 8 Resgate sangrento | 25 Coração torturado |
| 9 A falsa suicida | 26 O quarto dos mortos |
| 10 Um drama nas nuvens | 27 A cabeça cortada |
| 11 Junto da guilhotina | 28 O segredo do conde |
| 12 Jackson, em poder dos bandidos | 29 Tragado pela areia |
| 13 O cão policia | 30 A derrota dos bandidos |
| 14 O esqueleto vivo | 31 Os mysterios de Chicago |
| 15 Bandidos de casaca | 32 O subterraneo dos cadaveres |
| 16 A rainha dos apaches | 33 Por seguir uma mulher |
| 17 Duas façanhas notaveis | 34 A renuncia de Lord Jackson |

60 cada volume Serie completa, 2:000 rs.

Numero 179

Lisboa, 21 de Novembro de 1912

Anno IV

O homem da mão Decepada

nada de lhe ir fazer uma visita. Estou cá com os meus propositos de o fazer... Que dizes?

CAPITULO I

Uma reliquia estranha

—Então Harry, que tal achas tu o Lago Maggiore?

Estas palavras eram proferidas por Sherlock Holmes, o qual sentado no terraço do hotel «Au Lac» almoçava tranquillamente em companhia do seu inseparavel discipulo. Tinham-se dirigido para a Italia, para ahi na deliciosa paz e excelsa formosura d'aquelle paiz descansarem da ininterrupta actividade a que os obrigava o seu zelo pela profissão que tinham adoptado.

Estavam em Locarno, mesmo á beira do Lago Maggiore, gozando a deliciosa primavera que lá reinava, tendo em frente o grandioso massiço dos Alpes que se erguia magestosamente, reflectindo-se nas aguas esmeraldinas do formoso Lago.

—Ouve cá, meu velho, hoje não temos nada que fazer e n'este caso vamos fazer uma visita ao nosso velho amigo Fillipe Russell. Deves saber, que elle possui uma esplendida villa em Bignasco onde se encerrou, e onde passa os dias da vida socegado, tranquillo. Ha já pelo menos dez annos que lhe não ponho a vista em cima e portanto não se me dava

Bignasco é uma villa deliciosa, escondida entre moitas de loureiros, bosques de oliveiras e immensos laranjaes e rodeado pelas mais encantadoras paizagens alpestres.

E ahi n'essa pequenina cidade, alcandorada lá n'um cimo, n'uma das rugas dos Alpes ergue-se brilhando com todo o esplendor da sua brancura immaculada a Villa Albona, a residencia de Fillipe Russell.

No quarto do dono da casa, um aposento luxuosamente mobilado, estavam sentados e conversando acaloradamente, dois individuos: o possuidor da Villa Albona, Fillipe Russell, homem corpulento e forte, de cabello d'um loiro muito claro, rosto esculpulosamente barbeado e maneiras de quem frequentar a boa sociedade durante muito tempo, e Sherlock Holmes que se sentava n'uma poltrona em frente ao dono da casa.

—Pois meu velho já deves futurar o immenso arsenal de aventuras que nas minhas caçadas e viagens pela Africa, India e America do Sul, tive ensejo de presenciar. Claro está que ellas em nada se parecem com aquellas que tu, o grande policia que toda a gente conhece, emprehendeste contra a laboriosa classe dos assassinos e amigos do alheio. Mas olha,

que apesar d'isso, também me tem acontecido algumas bem boas. Tem-se dado consigo casos verdadeiramente estranhos. E se isso te interessa, sempre te quero mostrar a minha collecção. Pode ser que lá encontres coisas que a ti, como criminalista de polpa, muito e muito devem interessar.

E seguido por Sherlock Holmes penetrou no aposento contíguo.

Era um vasto aposento, em estilo gótico iluminado por um lustre que pendia do tecto e cuja sombria luz mal chegava para alumiar a casa, deixando os multiplos recantos e nichos góticos sepultados na treva. As paredes estavam forradas, até coisa de dois metros de altura, com um escuro revestimento apainelado de madeira, todo esculpado em alto relevo com as figuras todas em tamanho natural, revestimento que dava á sala um aspecto pesado e sombrio, tornando-a estranha, quasi que se podia dizer espectral. Das paredes pendiam custosas trofeus d'armas de toda a especie; petrechos de caça e animaes esquisitos e raros das regiões tropicaes e, cuidadosamente embalsamados. Um dos lados da sala estava occupado por valiosos quadros a óleo, muito antigos. Vasos preciosos e tapeçarias d'alto preço cobriam parte das paredes e o chão, pretendendo emprestar ao todo um aspecto usual. Uma larga e alta janela com vitraes variados enviava ao aposento um raio de luz escasso e triste.

Sherlock Holmes seguia com interesse as informações do seu amigo, o qual ao passo que lhe ia mostrando um por um os objectos da sua collecção, falava das difficuldades e aventuras que a sua acquisição lhe tinham custado. Eram objectos raros e valiosissimos como se não pode ver todos os dias.

De repente porém o olhar do policia foi atrahido por objecto que lhe pareceu estranho.

De um pequeno octogono forrado de veludo vermelho elevava-se um objecto qualquer muito negro e esquisito. Logo á primeira inspecção notou Sherlock Holmes que nada mais era do que uma mão humana, porém não de um esqueleto branco e bem preparado mas sim uma resequida mão anegrada e com os musculos todos salientes. Parecia ter sido cortada a machado pelo ante braço e podiam-se ainda ver os vestigios do sangue que tinha corrido.

Mas o mais curioso é que aquella esquisita mão estava presa á parede por uma forte cadeia de aço e com tanta segurança como se se tratasse de prender um homem.

—Esta agora! Que diabo quer dizer esta porta tão exquísita? Que coisa tão extranha e que preparação tão fóra do vulgar! Ou eu me engano muito ou devo ter pertencido a um homem de força athletica, um italiano ou um hespanhol.

—E' verdade meu velho, retorquiu Russell e já tinha dito cá para comigo que tu logo darias por ella e que havia de ser em toda a minha collecção aquillo que mais te havia de interessar.

Já te disse que tive de sustentar luta com os mais terriveis animaes do mundo, com leões, tigres,

ursos, giboias, orangotangos, eu sei! mas a mais perigosa de todas que tive de sustentar, foi a luta com o monstro humano cuja mão aqui vês.

Esta mão pertenceu ao mais encarnigado inimigo que até hoje tive e que me roubou tudo quanto eu possuia de mais querido na vida.

Era um italiano, como tu já tiveste occasião de notar, um italiano que durante a minha longa permanencia na America do Sul me perseguiu com todo o ardor do seu odio, com toda a tenacidade da sua raça; que attentou contra a minha vida e me assassinou a minha querida mulher e meu filho apesar de eu ter tentado salva-lo a elle, ao meu inimigo, da cadeia e da ignominia.

Ah! tu nem podes calcular que alegria eu tive quando finalmente, depois de uma perseguição encarnigada atravez dos Pampas da America, me foi dado cortar-lhe a mão com um golpe do meu sabre! O homem, esse ficou estendido por terra, para alli como um cão, como um animal nojento que se esmaga, com o pé. Quanto á mão que lhe tinha decepado guardei-a e depois com a minha faca esfolei-a e colloquei-a ao sol por muito tempo a secar. Ficou assim como estás vendo: é uma recordação que conservo.»

—Durante a narração, Sherlock Holmes observava com todo o cuidado a mão que tanto o interessava. Pendões desmesuradamente fortes e aos quaes estavam ainda presos pedaços de pelle, ligavam aos musculos os dedos enormes. Devia ter sido um coloso, o homem a quem a mão tinha pertencido. E Sherlock Holmes perguntava a si proprio qual teria sido a razão que levava o seu amigo a tomar uma vingança tão barbara, vingança tão indigna de um cavalheiro.

—O sujeito devia ter uma força estupenda, notou Sherlock.

—E' verdade, replicou Russell, era um gigante, um Herculos, mas como vês dominei-o e para mais seguro o conservar, prendi-o com uma corrente.

—Mas, isso agora é que me parece muito-estragante! Para que diabo serve esta cadeia, não me dirás? Acho-a superflua! Que diabo! quer-me parecer que a mão já perdeu quanto possuia de perigoso... Para que prendes uma coisa morta—uma coisa que não foge?

—Pois sim, sim! replicou Russell, mas eu cá me entendo! Fica sabendo que essa mão que ahi vês queria fugir e fugiria se não fosse a cadeia que a segura!...

O policia olhou assombrado para o seu amigo. Seria um gracejo? Russell estaria doido?

—Mas... diz-me... o tal individuo... com quem tu... ainda vive?

—Isso é que eu não sei ao certo. Mas o que te posso dizer meu caro é que se um dia a mão que aqui vês fugisse não dava nada pela minha vida.

N'este momento o criado annunciou que a ceia estava na meza. Holmes que já notara que o amigo era pouco fallador, e um tanto mysterioso, viu bem

que seria importuno se fizesse mais perguntas. Mas a historia interessava-o tanto que prometeu a si mesmo informar-se melhor na primeira occasião que para isso se lhe offerecesse.

Que razões teria Russell para proceder como procedera, e que relação poderia haver entre a sua vida e a fuga da tal mão; dado mesmo que fosse possivel uma coisa inanime fugir?

Tivesse Sherlock Holmes adivinhado o que estava para se passar, as perigosas luctas e difficuldades que estavam para apparecer e teria pedido alli mesmo ao seu amigo maiores e mais amplas informações...

Ao sair do quarto, notou Sherlock Holmes que num dos nichos da parede havia tres revolvers carregados...

CAPITULO II

Um assassinato na Villa Albona

Haveria quinze dias que Sherlock Holmes fôra visitar o seu amigo Phillipe Russell quando uma tarde um automovel que tinha vindo n'uma carreira desabalada parou de repente á porta do hotel *Au Lac*. Minutos depois, Patrick o velho criado de Russell batia á porta do quarto de Sherlock Holmes e entrava muito pallido como um cadaver e completamente exausto de forças.

—Sr. Holmes, venha, venha depressa á Villa Albona! Acontecen uma coisa horrorosa! O meu amo foi encontrado já cadaver, no seu gabinete de trabalho.. Commetteu-se lá um crime. Venha, venha depressa: o automovel está lá em baixo á nossa espera!...

O policia que logo a principio percebera que alguma coisa devia ter acontecido fez um gesto significativo a Harry e em poucos minutos estavam todos a caminho de Bignasco.

—Então, Patrick, disse Holmes, depois de ter subido para o auto, conte lá o que sabe a respeito da morte do seu patrão. Conte tudo para que eu mais rapidamente possa saber o que se ha de fazer...

—Ah sr. Holmes! que desgraça! Hoje de manhã cedo, quando entrei no escriptorio do meu amo, que, como o senhor sabe era muito madrugador, quando lá entrei para lhe servir o almoço não o encontrei. Isto espantou-me, pois que o meu amo tinha o costume de muito antes do almoço já estar a trabalhar á sua secretaria. Entrei na sala onde o meu amo tinha as suas collecções, e recuei aterrado; o sr. Russell estava estendido no tapete sem movimento. A principio julguei que tivesse sido um ataque qualquer que lhe tivesse dado, mas logo que me curvei para elle notei que o fato estava todo rasgado, como se o meu pobre amo tivesse tido uma luta violenta com alguém: o corpo estava já frio e pude constatar que o meu amo estava morto e que se tinha commettido um crime ali, n'aquelle quarto.

«Chamei immediatamente um criado a quem encarreguei de guardar o quarto e não consentir que se mechesse em nada até que se tivesse realizado uma investigação completa e logo depois mandei o filho do jardineiro a casa do dr. Villetti, o medico de meu amo, que como o senhor sabe mora em Bignasco. Mandei também prevenir a policia, e depois ordenei ao chauffeur que me trouxesse até sua casa sr. Holmes, pois que se dá uma coincidência muito notavel: dias antes o meu pobre amo tinha-me dito: Patrick, se me acontecer alguma coisa de anormal, vai logo chamar o meu amigo Holmes, o unico homem que na terra seria capaz de me socorrer». Eis aqui a razão porque vim logo a sua casa, sr. Holmes.

N'este momento chegava o automovel á Villa Albona. O celebre policia saltou do carro e correu para o quarto do sr. Russell, que estava situado no rez do chão da Villa. Harry acompanhava-o. O criado que ficára de guarda abriu a porta e Sherlock Holmes entrou, precipitando-se pelo escriptorio até que chegou ao aposento contíguo onde viu o cadaver do seu pobre amigo deitado por terra. Inclinou-se para elle immediatamente e começou a investigar quaes teriam sido os precedentes do crime.

Russell tinha o fato a cair aos pedaços, principalmente o casaco cujas mangas estavam inteiramente rasgadas: grandes arranhões sulcavam-lhe o rosto fundamente, o que indicava que tinha havido uma luta violenta entre o assassino e a victima. Era indubitavel que Philippe Russell fôra estrangulado. O rosto já negro e contrahido trahia ainda uma enorme impressão de terror.

O pescoço manchado de sangue tinha cinco buracos que se diria terem sido feitos com uma broca; os dentes estavam cerrados com força como se quizessem conservar presa alguma coisa. Sherlock Holmes forcejou por lhe desunir as maxillas e depois de um violento esforço conseguiu o que desejava e foi então que encontrou na bocca do assassinado um dedo humano, um dedo que pelo exame a que o submetteu estava resequido e descarnado.

Involuntariamente Sherlock Holmes levantou os olhos para o sitio onde dias antes tinha visto a mão de que se fallou já. Mas foi com o maior dos espantos que Sherlock Holmes constatao que a mão tinha desaparecido. Sómente se via lá a cadeia que a tinha segurado.

Entretanto um automovel conduzindo o dr. Villetti o medico de Philippe Russell parou á porta da habitação e o medico entrou. Ambos os homens se saudaram mutuamente e começaram as suas investigações. Emquanto o medico, porém, examinava o cadaver, Sherlock Holmes acompanhado por Harry poz-se a procurar por toda a casa vestigios do criminoso.

Mas embora rebuscassem todos os cantos, procurassem por toda a parte, o que se podia constatar, pelo menos aparentemente, é que ninguém penetrara no aposento onde Russell apparecera assassinado.

As janellas estavam completamente fechadas, nada estava remexido no gabinete de trabalho de Rus-

sell, os jornaes e os livros estavam da mesma maneira nos seus logares como o dono da casa os tinha collocado. E embora Sherlock Holmes se tivesse deitado no solo procurando quaesquer vestígios do criminoso o facto é que nem o minimo signal se poderia encontrar.

—Então, sr. doutor, perguntou Sherlock voltando-se para o medico logo que este terminára o seu exame, «que lhe parece esta desgraça? Qual é a sua opinião?»

—Desgraça? não meu caro, não foi nenhum acaso, foi um assassinato, um crime medonho o que aqui se praticou.

«Pude constatar que o assassinado encontrou a morte n'um estrangulamento. O crime deve ter sido praticado ha já muitas horas muito antes da meia noite, aliaz o rosto do pobre Russell não estaria tão inchado. E pode-se asseverar que houve uma luta violenta entre o assassinado e o assassino, dadas as profundas arranhaduras que elle apresenta pelo corpo, e principalmente no rosto. Os fatos rasgados como está vendo são tambem uma prova concludente.

—Pois n'esse caso alegra-me immenso que o senhor tivesse chegado aos mesmos resultados que eu cheguei. Parece-me que vem ahi o commissario com os seus agentes, pois que oigo dois automoveis.

Era verdade. Dois carros pararam á porta da Villa e os agentes saltaram para a rua e penetraram na habitação. O primeiro que entrou olhou para Sherlock Holmes que andava de um lado para outro proseguindo nas suas buscas. Não sabendo quem tinha deante de si o commissario dirigiu-se a Sherlock Holmes e disse-lhe.

—Meu caro senhor, peço-lhe com toda a instancia que nos deixe em paz para que possamos emprender algumas investigações acerca de que aqui se passou e ás quaes a sua presença unicamente extorvaria.

—Devo dizer-lhe, senhor, replicou Sherlock Holmes no mais socego dos tons, que na qualidade de amigo do assassinado é meu dever auxiliar a policia na busca do criminoso, e tanto mais que já possuo bastante experiencia d'estas coisas. Permitta que eu proprio me apresente. Sou Sherlock Holmes e este senhor é Harry Taxon, meu discipulo e companheiro.

Ao ouvirem estes nomes, o commissario e outros agentes que vinham entrando, tornaram-se logo amabilissimos e saudaram com effusão o grande policia e o seu discipulo.

—Isso então é outra coisa, replicou o commissario, e pesa-me muito o ter vindo aqui estorval-o sr. Holmes. Como o senhor mesmo, conforme ouvi, é que deseja aclarar isto tudo, tenho a dizer que o caso não podia ter caído em melhores mãos.

—Agradeço lhe muito as suas palavras, mas queira ter a bondade, peço-lhe, de proseguir nas suas investigações como o seu cargo lhe exige.

O commissario começou então a ouvir o que o medico dizia ao mesmo tempo que inspecionava tudo.

—Vem, Harry, disse Sherlock para o companheiro, vamos ver se será possivel obter outros vestígios.

Começaram então a inspecionar todos os aposentos do andar terreo e correram a casa de jantar, o salão de fumo, a cosinha, os quartos dos criados e ainda algumas casas que faziam parte da Villa, bem como o parque que a rodeava.

Contrariado por não lhe ser possivel achar o minimo vestigio, percorreu Sherlock e o discipulo todo o parque mas todos os seus esforços resultaram inuteis.

—Então, sr. Holmes, disse o commissario que terminára já as suas investigações, já tem alguma opinião acerca d'este caso tão exquisito?

—E' forçoso que lhe diga, meu caro senhor, que até agora não me foi possivel encontrar o minimo vestigio. Não tenho um ponto de partida... A não ser o desaparecimento d'aquella mão decepada, da qual o senhor certamente já ouviu fallar.

—Não, não sei nada a esse respeito, replicou o juiz de instrucção, não sei nada; ora faça o favor de contar.

Holmes relatou-lhe em poucas palavras o que tinha ouvido ao seu pobre amigo.

—E vejamos, meus senhores, terminou Sherlock Holmes, somente um dedo d'essa mão decepada é que eu pude encontrar, e sabem onde? Na bocca do assassinado... E o que é mais notavel é que segundo se viu pelas investigações já feitas no cadaver, o estrangulamento foi feito pelo criminoso com a mão esquerda e a tal mão decepada de que lhes fallei era tambem a mão esquerda de um individuo do sexo masculino. Em todo o caso suppondo mesmo que a pessoa a quem Russell ha tempos cortou a mão, ainda esteja viva, o facto é que nada podemos fazer por enquanto, tomando-a como a auctora d'este crime. Apesar de tudo, porém, inclino-me a suppor que essa pessoa não foi extranha ao caso, pois que o desaparecimento da mão e o facto extraordinario de um dos seus dedos estar na bocca do assassinado fazem pensar n'uma vingança.

Não foi possivel achar vestígios de uma luta que parecia ter-se passado aqui n'este quarto, de modo que me parece que a luta se deu, não aqui, mas n'outro logar, embora a mim é ao meu companheiro nos ter sido impossivel encontrar qualquer rasto, tanto aqui como nas buscas a que procedemos no parque.

O ajudante do jardineiro, um moço italiano que havia algum tempo ajudava tambem o dispenseiro na da podia adiantar. Dizia:

—Estive todo o dia a trabalhar no jardim, e não móro na Villa; tenho trabalho em Bignasco. Hontem haviam de ser umas 6 horas da tarde vim para casa. A' noite fui um bocado até á hospedaria de Castellari e ás onze horas já estava deitado.

Holmes que durante o interrogatorio estivera tirando apontamentos e observava com um olha perspicaz toda a creadagem, não deixou de perceber que o moço queria occultar alguma coisa e olhou para elle procurando ler-lhe na alma.

—Bem, disse o commissario, agora vamos a ou-

vil-o a si, Patrick: o resto do pessoal pôde se ir embora. Ha quanto tempo estava ao serviço de Mr. Russell?

—Ha quinze annos meu senhor; antes tinha sido creado em casa da familia de Mr. Russell que depois da morte do pae veio para aqui morar E' desde então que estou ao seu serviço.

—Sabe se Mr. Russell nos ultimos tempos tinha recebido visitas de pessoas extranhas ou se lhe tinha acontecido qualquer coisa extraordinaria? perguntou o juiz de instrucção.

—Meu amo desde que veio para aqui vivia muito retirado: não tinha relações com as pessoas que moram aqui e era rariissimo que algum amigo o viesse visitar.

Nos ultimos tempos porem notei que o meu amo vivia n'uma grade excitación. Recebia cartas muita vez, e que o punham no maior dos desassocegos as quaes como pude ver queimava immediatamente. Punha-se n'um estado de raiva indizível, n'uma colera doida e levantava furioso o seu chicote contra a mão que estava na parede. D'onde as taes cartas provinham e que não pude saber. Ia muito tarde para a cama e trabalhava pela noite adiante: tinha o costume de fechar cuidadosamente o seu quarto de dormir e nunca se esquecia de pôr á cabeceira o revolver completamente carregado.

Como o meu quarto de dormir era contiguo ao seu, ouvia-o muita vez de noite falar em voz alta e parecia mesmo que estava disputando com alguém, mas nunca me foi possivel dar pela presença de pessoa alguma no seu quarto.

Na noite passada porem estava completamente socego: nem o mais pequeno barulho pude ouvir. Puz-me a pé como de costume ás 6 horas, desci á cozinha onde mandei apromptar pela cozinheira o almoço para o meu amo para depois, havia de faltar talvez um quarto para as sete, o levar a meu amo e lh'o servir. Mas quando cheguei ao quarto d'elle, ao entrar vi-o morto. Não sei sobre quem devo lançar as suspeitas... Nem posso comprehender como a tal mão decepada pôde desaparecer. E é isto, tudo quanto lhes posso dizer, terminou Patrick.

—Permitta V. Ex.^a, disse Sherlock Holmes voltando-se para o juiz de instrucção, que dirija uma pergunta ao creado. Conhece por acaso, Patrick, em que circumstancias é que seu amo se tornou possuidor da tal mão?

—A esse respeito nada posso adiantar. Sei unicamente que M. Russell a tinha trazido da Argentina, onde estivera muito annos. O que não sei é em que relação estaria a mão decepada para com meu amo, que era muito esquisito mettido consigo e não queria que lhe fizessem perguntas.

Depois dos interrogatorios dirigiram-se todos os policiaes para o parque para lá proceder a mais buscas na possibilidade de encontrar qualquer coisa que fizesse luz no caso.

Holmes e Harry que já ha muito estavam orientados sobre o caminho a seguir apartaram-se dos agen-

tes depois do policia ter assegurado ao juiz de instrucção que ia por mãos á obra com todo o zelo para ver se apurava alguma coisa.

—Então Harry, que me dizes tu a este misterioso caso que se passou com o meu pobre amigo Russell. Que te parece?

—Mestre, para falar com franqueza não sei o que hei de dizer. Estou ás aranhas... Um caso assim nunca nos aconteceu. Não se encontra vestígios, está tudo no seu lugar; em toda a casa ninguém ouviu nem viu nada e ainda por cima desaparece a tal mão encantada sem deixar rasto, sem dar signal de si a não ser o dedo que deixou na bocca do morto... Uma coisa assim!...

—O certo é que estamos em presença de um caso muito interessante. Temos que arranjar a saber de qualquer maneira, como foi que Russell se apossou da tal mão e a quem é que ella pertenceu em tempos. Se chegar-mos a saber qualquer coisa a este respeito, bem depressa poderemos dizer qual a razão do crime e não nos será difficil depois entregar o caso ás mãos da justiça e quem sabe se até apanharmos o criminoso ou criminosos pois que me quer cá parecer que ha mais do que uma pessoa entalada no caso.

Que raio de razões poderia impelir Russell a conservar com tanto cuidado, tanta cautella a mão do, segundo elle dizia, seu inimigo mortal, chegando até a conservá-la presa com correntes? Naturalmente recebeu sempre que isso lhe trouxesse dissabores por parte do seu antagonista. Lá por que o dedo da mão cortada tivesse sido encontrado na bocca do assassinado, isso não quer dizer nada, pois que o mais certo é que o criminoso o metteu lá de proposito para tornar o crime ainda mais enigmatico. Em todo o caso meu rapaz, temos aqui uma embrolhada que será muito curiosa quando a resolvermos. Vamos ter muito que fazer n'estes tempos mais chegados, pois que já deves saber que estou disposto a não descançar nem um só momento até que saiba quem foram os assassinos e o que tinha elles que vêr com a tal mão cortada.

E Sherlock Holmes mergulhou-se em profundos pensamentos, até que o automovel que ia percorrendo a estrada do Locamo chegou ao hotel.

Ao chegar ao quarto encheu o cachimbo e envolveu-se depois por muito tempo na nuvens azuladas do fumo.

Houve um prolongado silencio, durante o qual Sherlock pensou profundamente. Finalmente quebrou-se o silencio e Sherlock disse para o discipulo.

—Harry aprompta tudo immediatamente para partires para Londres.

—Mas, mestre, que vou eu lá fazer? Parece que já temos cá bastante com que nos entreter...

—Escuta Harry; segundo me parece, em Londres vive ainda um irmão do assassinado, ou então, se não é na cidade é nas cercanias. Tens que o encontrar tão depressa quanto possas. Não seria mau que o consul inglês te ajudasse, mas tu já sabes como esta gente trabalha, e antes que elles podessem fazer qualquer coisa já tudo estava perdido. Russell era um homem

opulento pois que segundo me quer parecer o seu dinheiro depositado orçava por umas vinte ou trinta mil libras.

Admirar-me-ia muito se o assassinato somente tivesse tido por mobil o roubo da mão decepada e o mais provável é que dentro em pouco recebamos a noticia de que toda a sua fortuna foi levantada do banco, até ao ultimo schilins. Vê se sabes por meio do irmão que historia tem a tal mão decepada. Annuncia-me a tua chegada a Londres, ou antes annuncia-me tudo o que souberes por meio do telegrapho. E adeus meu rapaz: dentro de alguns dias ouvirás falar muito de mim. Não é impossível de todo que eu tambem appareça de repente em Londres seguindo o rasto do crime...

Harry poz-se a caminho da estação, para partir no comboio que dentro de dez minutos seguia para Inglaterra.

—Este ajudante do jardineiro não me agrada nada... dizia Sherlock lá para comsigo depois que Harry tinha partido, veremos se tem rasca na assadura... Quer-me cá parecer que sabe mais do assassinato, do que nós todos. Diz que vive em Bignasco... Pois deixa estar que hoje á noite lhe darei o prazer da minha visita...

Um quarto d'hora depois, um trabalhador italiano de tez muito queimada, bigode preto e com um grande chapéu calabrez a tapar-lhe a cabelleira hirsuta, abandonava o hotel e tomava o caminho que levava a Bignasco...

CAPITULO III

Uma cilada em Gainsboroughstreet

A' distancia de uma legua de Londres existe uma villa chamada Stownucarket, a qual é habitada por numerosas familias londrinhas que descançam aqui da labuta do anno sem serem estorvadas pela proximidade da gigantesca cidade.

Pela alameda que se estende diante da Alfandega caminhava um mancebo elegantemente vestido, com um modo despreocupado e simples. Era Harry que mal chegara a Londres procurara saber onde morava o irmão de Philippe Russel e conseguira saber-lhe a morada.

Deante de uma casa de campo que rodeada por um parque, dava uma impressão um tanto ou quanto artistica, parou Harry Taxon e depois de uma leve hesitação dirigiu-se para o botão da campainha.

—«Mr. Russell está em casa?» perguntou á criada que lhe tinha vindo abrir a porta.

—Está sim senhor; agora o que eu não sei, é se elle recebe, pois que se está preparando para uma viagem.

—Diga a seu patrão que é por causa de uma coisa de muita importancia que lhe quero falar, disse Harry para a creada, e seguindo-a até á sala de visitas.

Minutos depois apparecia um sujeito rechonchudo e que se encontrava numa grade excitação, segundo parecia.

—O que deseja V. Ex.^a? Estou-me preparando para uma viagem e tenho tão pouco tempo!...

—Vim cá por causa de seu irmão, o sr. Philippe Russell, disse Harry.

—Meu irmão Philippe? E o que tem o senhor a communicar-me a esse respeito? perguntou mostrando um ar muito espantado.

—Segundo me parece o senhor já recebeu noticias de Locarno, replicou Harry, pois os seus preparativos de viagem e a sua commoção indicam-me que já foi informado da desgraça que succedeu a seu irmão.

—E' verdade senhor. Recebi um telegramma do nosso consul em Locarno e onde elle me diz que meu irmão em consequencia de uma repentina desgraça tinha morrido e que a minha presença lá, se tornava muito urgente. Estava-me preparando para partir no primeiro comboio para Dover e d'ahi até Locarno.

—Infelizmente tenho a dizer-lhe que seu irmão foi victima de um crime. Assassinarão-no de um modo que ainda se não pode perceber qual fôsse e por enquanto foram inuteis todas as pesquisas para dar com os scelerados que o mataram. Por um méro acaso eu e meu mestre, Sherlock Holmes, que como sabe era um grande amigo de seu irmão, estavam em Locarno. E já pôde ver que meu mestre se pôz logo na perseguição dos criminosos. Enquanto elle faz as suas pesquisas em Locarno, enviou-me aqui para ver se seria possível obter umas informações que são preciosas, sr. Edward, e espero que se não recusará a prestalas.

—E' horroroso o que me conta, sr. Taxon! Meu pobre irmão victima de um crime! Mas é claro que tudo que eu possa, todos os esclarecimentos que eu possa prestar estão ás suas ordens, desde que elles sirvam para as suas investigações: peço-lhe que interogue, estou á sua disposição, e tenho a certeza que o sr. Holmes o celebre policia de que a Inglaterra é tão orgulhosa, hade conseguir apanhar o criminoso ou criminosos.

—Antes de tudo peço-lhe que adie a sua viagem pois que a sua presença é mais necessaria aqui do que em Locarno. E antes de mais nada deixe-me contar-lhe de que maneira seu irmão foi assassinado.

E Harry começou a contar tudo o que sabia a Edward que escutava pasmado o relato do discipulo de Sherlock Holmes, suspirando por vezes sem poder reprimir a sua commoção.

—Diga-me sr. Edward, continuou Harry depois de ter acabado de contar o que sabia, sabe por acaso onde seu irmão tinha collocado o seu dinheiro? Ao sr. Holmes parece-lhe que se não trata somente de uma vingança mas tambem de um roubo, pois acha que a fortuna do sr. Russell era de molde a tentar...

—A esse respeito alguma coisa posso dizer, sr. Taxon: meu irmão nos ultimos annos foi director do Banco Argentino-inglez, em Buenos Ayres e como conhecia a proverbial segurança e honestidade d'este

banco collocou lá a sua fortuna inteira. Como sabe a agencia é aqui em Londres.

Harry consultou o relógio.

—E' pena! murmurou, são já seis horas: agora já o banco está fechado, quando não pedir-lhe-hia a fineza de vir commigo a Londres para nos certificarmos se a fortuna de seu irmão foi ou não levantada.

—Não me parece que fôsse possível levantar-a pois que meu irmão como homem pratico de negocios que sempre foi, tomou com certeza as precauções necessarias para que esse dinheiro não fôsse levantado por ninguem.

—E saberá acaso o senhor qualquer coisa a respeito do modo como seu irmão se tornou possuidor da tal mão presa com cadeias? Sabe quem teria sido o possuidor.

—Como já lhe disse meu irmão foi, haverá uns vinte annos, director do Banco Argentino-inglez.

Um dia correu o boato de que o thesoureiro, um italiano que gozava da maxima consideração no Banco se tinha alcançado n'uma somma importantissima.

Este italiano possuia então como esposa, uma mulher de uma belleza maravilhosa, de um caracter altivo mas agradável e que não fôra nunca indifferente a meu irmão.

Para poupar esta senhora e seguindo os impulsos do seu coração que assim lh'o pedia meu irmão desviou o caso da publicidade mas com a condição de que o thesoureiro, um tal Donatelli se separaria da mulher. De modo que collocado na alternativa de ou ir passar uns annos na cadeia ou renunciar á posse de sua esposa, consentiu o Donatelli no que meu irmão exigia d'elle, e tempos depois meu irmão desposava a mulher do italiano e com a qual viveu feliz durante dois annos. D'este casamento resultou um filho de uma graça extraordinaria.

Durante muito tempo Donatelli não deu signal de si, até que um dia meu irmão teve noticias d'elle, mas d'um modo horroroso. Foram talvez o atormentador ciúme e o desejo de se vingar por ter perdido a mulher que tanto amava, o mobil do seu odio espantoso. Era-lhe talvez um tormento inenarravel o ver a mulher que fôra sua, agora feliz na companhia de outro. O caso é que um dia entrou em casa de meu irmão, quando este estava ausente, e assassinou a pobre senhora d'um modo horrivel. Em seguida dirigiu-se para a criança que tinha apenas dois annos e esmagou-a de encontro ao chão onde a deixou ficar depois.

Levado quasi á loucura por este fim tragico do seu casamento, meu irmão tinha só em mente um pensamento, o tirar vingança do destruidor da sua felicidade. Depois de peregrinar por muito tempo pelo paiz, encontrou, finalmente o tal italiano n'uma estancia no interior do estado de La Plata, e os dois inimigos vieram ás mãos, lutando raivosamente e meu irmão com um golpe de sabre cortou a mão ao adversario, um individuo gigantesco e d'uma força espantosa. Finalmente metteram-se diversas pessoas de permeio e conseguiram separar os dois adversarios.

Se o italiano encontrou a morte ou não no que lhe

succedera, é coisa que não posso dizer: naturalmente ficou sómente muito ferido pois que tempo depois foi meu irmão ferido traiçoeiramente e de tal modo que só por milagre escapou com vida. Como a sua existencia já não estava segura em Buenos Ayres e desde que lhe morrera a esposa se encontrava sem vontade de entrar de novo na febril actividade que os negocios demandavam, abandonou a cidade. Andou muito tempo em viagem até que tendo percorrido sem descanso todo o mundo foi, como o senhor sabe, habitar em Locarno.

—Recorda-se por acaso, se seu irmão mais tarde tornou a ter noticias d'esse italiano? perguntou Harry depois de Edward Russell ter acabado a sua narração.

—A esse respeito nada sei, pois que desde que morava em Locarno, vivia muito concentrado, eu proprio ha já oito annos que o não via. Meu irmão não gostava nada que lhe falassem d'este triste acontecimento que lhe relatei, e por isso todos evitavam referir-se a tal coisa na presença d'elle.

E eis tudo sr. Taxon. Agora peço-lhe que seja meu hospede se quer fique cá hoje e amanhã muito cedo vamos fallar com alguem ao Banco Argentino-inglez.

Harry accedeu e d'ahi a pouco os dois homens estavam sentados á mesa, conversando animadamente.

—Meus senhores, posso-lhes affirmar que o sr. Russell veio cá hontem em pessoa, ahi pelo meio dia e levantou todo o dinheiro que aqui tinha depositado.

Era o presidente do Banco Argentino-inglez quem assim fallava dirigindo-se aos dois individuos que estavam em frente d'elle.

—Aqui ha uma patifaria espantosa, senhor presidente, pois que meu irmão como este telegramma e tambem o sr. Harry lhe podem provar, foi encontrado morto na sua Villa de Locarno. Portanto além de o assassinar roubaram-lhe tambem toda a sua fortuna e o seu banco foi apanhado n'um logro espantoso.

—E' impossível senhor, replicou o presidente, examinámos todos os papeis com cuidado e nada havia que pudesse deixar ficar duvidas. De resto, sómente o sr. Russell conhecia a palavra que abria o seu cofre e a que servia para o fazer, condizia com a que hontem o sr. Russell apresentou. Esta palavra não nos era conhecida, pois estava encerrada n'um envelope lacrado. Vou mandar chamar o nosso thesoureiro que foi quem examinou os papeis e assistiu ao pagamento. E' completamente impossível que tivéssemos caído n'um logro.

O thesoureiro, homem já de idade, barba toda branca, assegurou terminantemente que no dia antecedente, ahi por volta de uma hora da tarde, um sujeito de cerca de cincoenta annos de idade, elegantemente vestido, se tinha apresentado no Banco. Dissera ser Philippe Russell, morador em Locarno, que desejava levantar a sua fortuna na importancia de 22:000 libras, pois precisava de a empregar toda n'uma nova empreza que ia estabelecer na Italia.

—Fiz com que me entregasse os papeis comprovativos da sua identidade, etc. e também um documento assignado pelo consul provando que o individuo em questão era Philippe Russell. Todos os documentos estavam perfeitamente em ordem inclusivamente o passaporte.

—Então q'di lhe que me dissesse qual a palavra que abria o cote e como o sr. presidente já teve occasião de lhe dizer, a palavra era a mesma: condizia com a que estava dentro de um sobrescripto lacrado e que foi aberto na presença do sr. Russell. Não havia pois razão para recusar o pagamento da quantia depositada. Fui com o sr. Russell á casa forte onde elle abriu a porta que lhe pertencia, com a sua chave e recebeu a quantia de vinte e duas mil libras em notas. Sobre a quantia que estava empregada em acções do nosso Banco, o sr. Russell nada determinou e esse capital está ainda nas nossas mãos.

—Já vêem pois meus senhores, disse o presidente voltando-se para Edward e Taxon, que procedemos com toda a segurança, e emquanto eu não possuir provas convincentes que o individuo assassinado na Villa Albana é o sr. Philippe Russell, nada posso emprender.

—Pois bem, sr. presidente, espero que dentro em pouco lhe poderei entregar as provas de que houve um crime em tudo o que succedeu. Por hoje contentar-me-hei se o senhor quizer ter a bondade de me dizer qual o aspecto exterior do supposto Philippe Russell.

—Da melhor vontade. Como o nosso thesoureiro já disse, era um sujeito de apparencia distincta, o rosto todo barbeado, orgando pelos cincoenta, corpulento, forte, cabello loiro, com o andar um tanto apressado. O que fallava era um inglez um pouco alterado, o que não admira dada a sua prolongada permanencia na Italia.

—A sua descripção, notou o sr. Edward, concorda soffrivelmente com meu irmão, mas tanto quanto me posso lembrar é que meu irmão possuia uma pronuncia accentuadamente londrina e não posso perceber como é que elle que tão retirado vivia ha oito annos, tivesse adquirido a accentuação italiana.

—Permitta-me ainda mais uma pergunta, disse Harry, dirigindo-se ao presidente o individuo em questão podia mecher a mão esquerda d'um modo natural ou estava impedido de o fazer?

—De modo nenhum; o movimento da mão era natural e a tempo.

Harry Taxon e Edward Russell abandonaram o Banco e em seguida o primeiro dirigiu a Sherlock o seguinte telegrama:

Hontem, mão desconhecida levantou dinheiro. Banco. Procuro rasto.

Em seguida despediu-se de Edward Russell prometendo-lhe, que tão depressa tivesse noticias a comunicar-lhe o faria immediatamente.

Ao voltar para casa o joven policia passou por pé da estatua do rei Alfredo e aqui onde existe sempre um constante movimento, foi-lhe impossivel notar que

um individuo gordo e vestido como um trabalhador se approximava d'elle, e o empurrava na occasião em que ia passando um omnibus.

Sómente a destreza extraordinaria do conheiro que n'um momento desviou os cavallos e apertou o travão, salvou Harry de uma morte certa. Um cavallo caiu por terra quasi que lhe tocando e a roda dianteira ficou apenas a uma pollegada de distancia do mancebo.

Aquella queda, Harry bem o sabia que não fôra casual, pois que ninguem podia conceber um caso assim, e para mais, bem sentira como o tal sujeito entalara o joelho entre a perna d'elle, de modo a provocar-lhe a queda, usando ainda por cima do cotovello. Fôra um acto criminoso e propositado.

De modo que Harry estava já sufficientemente conhecido entre os criminosos londrinos e se se não acuatelasse teria um dia de soffrer-lhe as consequencias, dada a boa vontade que lhe tinham aquellas boas almas. O joven policia resolveu que d'ali em diante estaria em guarda para o que desse e viesse. A queda tinha-o incommodado um tanto de modo que resolvera fazer o resto da caminhada n'um cab.

Mal chegara a casa, e o sr. Bonnet lhe tinha servido o almoço, quando foi chamado ao telephone.

—Está lá? Aqui é Edward Russell, ouviu dizer. Pego-lhe que venha hoje depois do meio dia a minha casa. Tenho ainda uns pormenores importantes a comunicar-lhe, que encontrei por acaso ao remecher na minha papelada, e que certamente lhe aproveitarão muito.

—Está dito, sr. Russell. A' tarde lá estou. A que horas posso lá ir? A's seis? Bello! Até depois, sr. Edward.

Harry poz o auscultador no deseeço e refestelando-se n'uma cadeira, matutou immenso, sobre quaes seriam as communicações importantes que o sr. Russell teria para lhe fazer.

Havia ainda um grande bulicio nas ruas quando ao cair da noite se dirigiu para a estação.

Ao passar por Gainsboroughstreet, uma das mais socegadas e decentes ruas de Londres, sentiu passos atraz de si; antes porém que tivesse tido tempo de se voltar, recebeu uma violenta pancada na cabeça...

Sentiu andar tudo á roda, pareceu-lhe vêr muitas chammias diante dos olhos... e foi tudo de que se poudo depois lembrar.

Tinham-lhe batido na cabeça com o temivel sacco de areia... caíra e depois tinham no amarrado. Tudo isto em plena rua e em Londres.

Quando Harry de novo tornou a si, encontrou-se estendido n'uma cama e ligado a ella de mãos e pés. O sangue escorria-lhe da cabeça que lhe doia insupportavelmente. Devia ser meia noite pois que já se não ouvia quasi nenhum ruido exterior a não ser o de raros viandantes, batendo o asphalto com os seus passos apressados. O relógio de uma torre qualquer bateu tres quartos, e depois de algum tempo que pareceu a Harry ter sido uma eternidade, ouviu-se a meia noite.

Na casa em que se encontrava, reinava um silencio tumular. Pungia-o uma sêde medonha. D'ahi a tem-

pos ouviu ranger a chave na fechadura, a porta abriu-se, sem fazer ruido e em seguida passos incertos como os de alguém que procurava o caminho, sem luz, resoaram e foram-se approximando cada vez mais... Ouviu-se accender um phosphoro... Deviam ser diversas pessoas.

Abriu-se então a porta, e tres individuos com mascararas pretas entraram, accenderam um bico de gaz, cuja luz brilhava tão intensamente que Harry foi obrigado a fechar os olhos por alguns instantes. Em seguida notou que um dos individuos se inclinara para elle.

—Em breve sabia que o tipo havia de cair, pois então! ouviu Harry dizer a um dos mascarados, provavelmente o chefe e o qual tinha uma forte pronuncia italiana.

Que te parece Ulrico, devemos ou não dar a este miseravel o resto? Ficamos já livres d'elle e podemos respirar á vontade. Pelo que respeita ao outro cão, ao tal Sherlock Holmes, Angelo e os seus companheiros se encarregarão d'elle.

—Não vão tão depressa meus meninos, temos ainda que achar alguma coisa que nos falta: os nossos punhaes são bons de mais para este cão.

Harry, para quem a lingua italiana era soffrivelmente conhecida, comprehendeu que se encontrava á mercê d'aquelles miseraveis assassinos e não teve também duvida alguma de que estava em poder do assassino de Philippe Russell.

Pareceu-lhe que tinha a vida presa ao corpo sómente por um fio. Apesar de tudo, porém reuniu todas as suas energias, e sem se importar com as dores terribes da pancada que recebera na cabeça lhe causava, e bem assim com as dores que lhe faziam as solidas ligaduras com que o tinham amarrado á cama, procurou perceber a conversa dos individuos que ali estavam e do mesmo modo ver qual o exterior dos tres criminosos.

O que estava em frente d'elle, o tal que se chamava Ulrico, era um individuo corpulento, ossudo, cabello preto e mãos cuidadas; por entre a mascarilha brilhavam-lhe os olhos como duas laminas de Toledo. O fato era limpo e decente.

Como se tivesse voltado para os seus companheiros, que estavam pobremente vestidos, mais parecendo empregados da exploração do porto, notou Harry que possuia uma certa semelhança com o assassinado Philippe Russell. Devia ser o patife que se tinha feito passar no banco pelo assassinado.

—Então, sr. Taxon, disse voltando-se para o moço e fallando na lingua ingleza com uma accentuação que trahia a origem italiana, então, julgou por acaso que nós hoje lhe haviamos de fazer companhia? Viemos unicamente para nos informarmos do seu estado de saude. Naturalmente está melhorsinho, não? depois do accidente que houve e que tanto o incommodou, deve-se ter dado bem n'este sanatorio. Que tal vae a saude sua?

Harry ao ouvir aquellas ironicas palavras, lançou ao miseravel um olhar cheio de odio.

—Mas por quem é sr. Taxon, não seja tão sensível!... continuou Ulrico, notando o olhar de Harry. Sempre lhe direi quem foi que hontem levantou o diabinho de Philippe Russell. Mas também, para que diabo mette você esse nariz de perdigueiro em toda a parte onde não é chamado? Mas esta será a ultima vez que nós estorvaremos a si e a Sherlock Holmes o exercicio do seu cargo. Vamos, Pepe e Bembo, vejamos as ligaduras d'este grande homem não estão quebradas.

Ambos os patifes se approximaram do leito de Harry e experimentaram as cordas que o ligavam e para maior segurança apertaram-nas mais.

—Tudo está na devida ordem, Ulrico! Toca a ir embora pois quem sabe se nós amanhã teremos vapor para Southampton! O Conte espera por nós. Ah! espera um bocadinho mais, Pepe: um bocadinho só... Bento, traz cá um bocadinho de pão e uma bilha de agua. Põe tudo isso aqui sobre o banco para que elle veja diante de si alguma coisa que lhe abra o appetite.

—Custa-me muito, sr. Taxon, disse Ulrico voltando-se para Harry, deixal-o por tanto tempo. A casa em que v. ex.^a se encontra, aluguei a por um semestre, ninguem vem para cá residir, e quanto a mim vou viajar. De modo que ninguem o virá incommodar e pôde tratar da sua saude á vontade. Como vê tem aqui tudo quanto precisa: fomos tão delicados que até comidas e bebidas lhe puzemos á vista. As suas ligaduras estão na melhor ordem e bom estado. E portanto adeus: é provavel que tenhamos outra vez o gosto de o vêr, tão saudavel e alegre como outr'ora.

E Ulrico abandonou o quarto seguido pelos seus dois companheiros. Pairava-lhe no rosto uma ironia infernal. Os passos foram-se estorpiando pouco a pouco, a porta da rua fechou-se e Harry encontrou-se de novo sózinho.

Primeiramente apossou-se d'elle uma colera selvagem. Tinha então que morrer para alli, á fome e á sêde? Certamente que mr. Bonnett e Edward Russell tinham prevenido a policia do seu desaparecimento. Mas como haviam elles de descobrir a casa onde elle se encontrava entre os milhares de gigantescas construcções de Londres? Era uma coisa mais que duvidosa.

De novo se apossou d'elle uma dôr infinita. Baralharam-se-lhe os pensamentos, uma febre violenta queimava-lhe a cabeça, em seguida veio uma apathia completa: dôres violentissimas misturavam-se com as mais tresloucadas phantasias que lhe formavam no cerebro candente a febre que o devorava.

O tempo que assim passou foi como que uma eternidade...

CAPITULO IV

O segredo da Villa Albana

E' já noite avançada. Nas ruasitas da pequena ci-

dade de Bignasco, dominam o mais completo socego e as mais profundas trevas, que aqui e ali são perfuradas apenas pela vacilante e mortífera luz dos candieiros de iluminação. Sómente ao fim da rua que conduz a Lucarno, na hospedaria Roselli, é que se ouve um ruído de vozes animadas contrastando com a solidão das ruas que para ali convergem.

Na taberna, uma casa terrea, ha diversas mesas occupadas e o assumpto da noite é o assassinato do estrangeiro, do inglez Philippe Russell.

—Por Santa Maria bemdita! exclamou alto um moço de cabello hisurto, segundo parecia trabalhador das pedreiras, já era realmente tempo que esse diabo do estrangeiro soffresse finalmente a vingança do céu!

—Como assim Domenico? interrompeu um outro, que tem a justiça do céu que ver com isto? que é que elle tinha feito para que os santos estivessem de mal com elle?

—Mas então não sabes o que para ahí se conta por toda a parte, Antonio? Esse tal Russell que todos viam tão descansado sempre, sempre mettido comsigo e sem nunca se querer encontrar com ninguém era um criminoso d'alto lá com elle. Já tinha estado muitos annos na cadeia, lá na Inglaterra e depois é que veio para cá, onde ninguém o conhecia e onde ninguém lhe sabia da chronica. Tinha roubado todo o dinheiro que possuia e a mão decepada e presa com cadeias que elle tinha lá em casa, pertencia a um irmão d'elle, que o tipo tinha morto para se apoderar do bago. Mas por fim foi castigado: a propria mão do irmão que elle tinha assassinado é que o esmagou.

—Mas tu acreditas n'isso, ó Domenico?

—Olha pergunta alli ao moço do jardineiro, ao Angelo, esse é que te póde contar tudo por miudos; esteve lá tempo mais que sufficiente para o saber.

—Eh lá, Angelo! disse o individuo que fallava com Demonico fallando-se para o moço do jardineiro que estava fallando com um outro individuo, numa conversa muito animada, sentado a uma das mesas do canto da taberna,—o inglez foi assassinado pela mão do morto?

—Se não tivesse sido como dizes, disse Angelo, então é que não sei como teria sido. Nem os grandes sábios da policia, nem até, vê lá tu!... o celebre Sherlock Holmes podem dar uma explicação natural ao crime. Podes acreditar que o que aconteceu nunca ninguém o explicará.

E o caso é que toda a supersticiosa população da pequena cidade de Bignasco estava convencida de que a morte de Russell não fôra praticada por mão humana.

Os frequentadores da taberna estavam tão entretidos na conversa que ninguém prestou attenção a um recémchegado. Sómente o companheiro de Angelo é que lhe lançou um olhar perspicaz, e logo se inclinou sobre Angelo soprando-lhe qualquer coisa ao ouvido.

O desconhecido que pelo aspecto dava a entender ser um trabalhador rural, dirigiu-se para o taberneiro.

—Eh lá *signore!* um quartilho de Chianti, estou cansado e tenho uma sede dos demonios.

—D'onde diabo vem vocemecê a estas horas da noite? perguntou o rotundo taberneiro, que estava de braços cruzados atraz do balcão.

—Por Bacco! venho da Bellinzona: raios partam semelhante caminho!... Ainda tenho que ir para Airolo, tenho lá trabalho, e queria descansar um bocadito para depois matter pernas ao caminho.

E dizendo estas palavras o estrangeiro aproximou-se d'uma das mesas e lançando um rapido olhar pelos circumstantes, sentou-se perto do ajudante do jardineiro e do amigo d'este e começou a dormir.

Pelo menos assim parecia, mas quando o companheiro de Angelo, depois d'uma pausa, tirou para fóra o seu variagado lenço de assoar, e sem dar por tal deixava cair no chão um pedacito de papel, logo o desconhecido com a rapidez do relampago lhe pôz o pé em cima e sem que ninguém tivesse notado o seu movimento.

Seriam 11 horas quando ambos os amigos depois de terem pago a conta se retiraram.

Mal os dois se tinham retirado, logo o desconhecido, erguendo-se com lentidão guardou o papellinho, sem que ninguém desse por tal, e meio a dormir, murmurando ainda palavras incompreensíveis como quem está estremunhado, collocou alguns soldos sobre o balcão e dirigiu-se para a porta.

Lá fóra parou por um momento, olhou para todos os lados investigando, e depois seguiu os dois individuos, semelhante a um gato deslizando nas sombras d'uma casa.

—Quem me dera ter ouvido tudo o que os gajos estavam a dizer! Ouvi falar d'um tal Conte, d'um Ulrico e de um navio... Falaram tambem muitas vezes em Genova... Tenho que estar em guarda pois que o malandrim do cavallo preto olhava-me por vezes pouco agradavelmente. Vamos a ver para onde é que os dois se dirigem, disse Sherlock Holmes, pois que este era o desconhecido da taberna.

Os dois individuos caminharam durante muito tempo pela rua fóra até á estrada orlada de arvores que conduzia á Villa Albona.

Estava escuro como breu e sómente com esforço é que Sherlock Holmes conseguiu seguir os dois individuos. De repente desapareceram pelo chão abaixo...

—Malditos! murmurou o policia, só me faltava agora que me tivessem escapado!

E a passos rapidos mais olhando para todos os lados continuou a caminhar.

—Mas espera... O que seria aquillo?

Holmes tropeçou e caiu immediatamente por terra, procurando em vão sustentar-se sem cair.

Antes que se pudesse erguer de novo saltaram dois individuos da escuridão das moitas visinhas e precipitaram-se de punhal na mão sobre Sherlock Holmes.

O primeiro individuo recebeu contudo de Holmes que não tinha perdido nem um só momento a sua presença de espirito e se voltara de costas com a rapidez do relampago, um tal pontapé no estomago que dando um doloroso gemido e gritando depois, foi parar ao pé do jardim, impossibilitado de se erguer. Entretanto

o outro precipitou-se tambem e vibrára com um impulso violentissimo uma punhalada no peito de Sherlock Holmes. Mas este aprou o golpe com o braço esquerdo de modo que sómente o rosto foi tocado ligeiramente pela afiada lamina.

E dando um pulo gigantesco depois, o policia saltou sobre o malandrim, mas este temendo a lucta com o adversario livrou-se como poude do aperto de ferro das mãos do policia e desapareceu repentinamente.

—Ah! maldito! exclamou Holmes, lá se me escaparam ambos.

Procurou a sua lanterna de bolso e rebuscou tudo em redor com cuidado.

—Já o devia ter previsto! Os patifes estenderam no chão, fio de ferro, disse Sherlock levantando do solo um pedaço de fio. E aqui esteve escondido o outro. Embora porem, segundo vejo tenha desaparecido mais o seu digno companheiro, devem ter recebido qualquer coisa, pois do contrario não me teriam atacado tão rudemente.

E Sherlock foi seguindo os vestigios dos dois individuos procurando as pégadas no sólo.

—Deixa lo! Por hoje foram bem convidados ambos elles!

E depois de uma busca mais curta dirigiu-se o policia para a Villa Albona que ficava a pouca distancia.

No porteiro da Villa havia ainda luz e em breve Sherlock batia á porta do velho criado Patrick.

—Eh lá! Quem é que está ahí fóra a bater a estas horas, disse o criado para baixo falando de uma das janellas enquanto no pateo o cão ladrava furiosamente.

—Abra Patrick, dizia Sherlock, dando-se a conhecer, precisava hoje de continuar as minhas pesquisas com todo o socego. Já deve saber que o juiz de instrução me permitiu a entrada na Villa a toda a hora.

—Ah, é o senhor Mr. Holmes? Está bem, está bem, lá vou abrir já.

E contendo com esforço o cão que se queria precipitar sobre o recémvido, Patrick fechou o portão e conduziu Sherlock atravez do jardim para a Villa, onde abrindo a porta, deu volta á luz electrica, inundando a casa de luz.

—Patrick vá se deitar, tenho muito que fazer aqui. Se por acaso precisar de descansar deito-me na antecâmara sobre o sofá.

—Como quizer Mr. Holmes. Se precisar de mim aqui tem o botão: é só tocar e eu cá estou logo num rufo, disse Patrick inclinando-se e dando as boas noites.

Holmes poz se então a revistar toda a villa de cima abaixo, a bater nas paredes a revistar os moveis, numa palavra nada houve, nem a mais insignificante ninharia que escapa-se ao seu olhar perspicaz.

—E' esquisito! murmurou depois de um trabalho aturado de algumas horas sem nada ter descoberto, tambem não encontro nada que me possa aclarar este caso intricado!

—E contudo o ajudante do jardineiro e o seu amigo são me suspeitos! Mas tambem que razão teriam elles para matar Russell? A secretaria d'este, bem como os seus armarios estavam intactos, segundo se constatou depois. Não parece que tivesse sido roubado alguma coisa.

Sherlock proseguiu nas suas buscas, revistando com cuidado cada canto do quarto onde Russell fora encontrado morto. Fez todos os esforços para chegar a um resultado positivo revolvendo tudo, tirando do seu lugar os preciosos quadros e experimentando depois a parede onde estavam pendurados, removendo os moveis, mas nada, absolutamente nada. Alcapões debaixo do tapete não havia nenhum assim com tambem não havia escaninhos nenhuns na secretaria.

Quando ia para pegar num quadro antigo que estava na parede fronteira á janella e parecia estar pendurado leu Holmes, a seguinte inscripção latina na margem do pergaminho.

*O que eu escondo, vê lo has somente
Quando atravez do rutilante vidro vermelho
Me encontrar o deslumbrante clarão do sol da manhã!*

Que quereria aquillo dizer? Que esconderia o quadro?

O policia a quem nada passava despercebido, tinha de ficar a saber o que aquillo queria dizer. Assim submeteu o quadro a uma severa inspecção, e viu que era uma gravura em cobre já muito antiga e sem valor, manchada pela humidade e representando Santo Antonio. Por baixo da inscripção tinha ainda uma orla branca. E Sherlock dava-se a perros para saber o que demonio patentaria o quadro quando lhe batesse a luz do sol!

Ao ver as horas notou que já eram quatro da manhã e ás seis é que o sol devia vir bater no quadro visto a essa hora que se surgia no horizonte.

—Estou com curiosidade de saber o que acontecerá depois do sol aparecer! Verdade que a Villa é do seculo dezesete e pode portanto conter muitos segredos. O proprio quadro parece ser desse tempo assim como a zurnição da parede. Tenho que esperar...

E sentando-se n'um fauteuil acendeu o cachimbo.

Depois tirou do bolso o papel que tinha apanhado na hospedaria. Era um recorte de jornal com as partidas dos paquetes de Genova para Buenos Ayres. A partida do paquete *Etruria* que era a 29 de Abril estava marcada a lápis vermelho.

—Amanhã são 28! pois garanto-te meu velho que não partirás para Buenos Ayres!

E envolvendo-se em nuvens de fumo, Sherlock entregou-se por completo aos seus pensamentos.

Pouco a pouco ia aclarando, uma luz descorada penetrou pela janella, e o ceu foi se tornando mais claro: rompia o sol.

Holmes ergueu-se, pendurou o quadro na parede fronteira áquella, que olhava para o nascente, de modo que os raios do sol quando surgisse fossem encontrar o tal vidro violeta.

Imovel como uma estatua Sherlock observava. O sol ia gradualmente surgindo e a claridade da sua luz era cada vez maior.

Estava tão mergulhado na sua observação que nem notou a sombra de um individuo que florara com a cabeça á janella e desaparecera rapidamente.

Agora a luz do sol entrava a jorros pelas vidraças e passando pelo vidro violeta que um cavaleiro tinha na mão bateu em cheio no quadro.

E Sherlock pode então perceber que se o quadro contivesse um segredo, ou uma inscripção illegivel, de qualquer modo bastava que a luz do sol lhe batesse para que o segredo se resolvesse.

Era sufficientemente versado em chimica para saber o que guaiáco dissolvido em alcool fornece uma tinda incolor, que se torna contudo visivel quando está sobre a influencia dos raios violeta.

Todo o claro sol que iluminava o formoso ceu de Italia brilhava resplandecente na gravura, e os tracos d'ella parece que cada vez se accentuavam mais, até que se tornaram perfeitamente visiveis diversas palavras que o policia leu cheio de admiração:

«Ergue a mão do cavaleiro uma vez para a direita e outra para a esquerda

E ella te mostrará o caminho que Giacomelli abriu».

—E' extraordinario! altamente extraordinario murmurou Sherlock. Vamos lá a ver que caminho é esse que Giacomelle me quer mostrar.

Giacomelli era o nome do constructor da casa.

Sherlock dirigiu-se para o guerreiro vestido de brilhante armadura que sobesahia nos paineis da parede, os quaes como já dissemos ao principio eram em alto relevo e em tamanho natural, e deslocou-lhe a mão. Fez como diziam as palavras do quadro: a mão do cavaleiro cedeu: devia ter sido empregada já varias vezes para o fim indicado pela inscripção, e depois de alguns momentos deslocou-se o painel, deixando vêr uma estreita fenda na parede: devia haver alli por força uma porta.

Então Sherlock empurrou com maior força a figura do guerreiro e uma porta que havia por detraz do painel tornou-se visivel e moveu-se depois.

Abria-se deante do policia um escuro caminho.

—Estes architectos antigos trabalhavam com arte! Embora eu tivesse deslocado o painel ninguem havia de dizer que aqui havia uma porta, nem tão pouco que existia aqui um caminho secreto.

E tirando para fóra a sua lanterna da algibeira, pêntrou pelo boqueirão que se abria deante d'elle e começou a andar com todas as cautelas. De repente porém recuou.

Estava no seu elemento: os traços da sua physiologia accentuavam-se com firmeza: a cabeça inclinada para deante parecia possuir os mil olhos de Argus. Examinava o pó que havia pelo caminho...

No chão havia vestigios de que algem arrastara por ali um corpo pesado.

—Olá! Cá temos o logar do crime! Bem me queria a mim parecer que o meu amigo não fóra assassinado no seu quarto!

E continuando o seu caminho achou-se de repente diante de uma porta de ferro que estava apenas encostada.

Ao abril-a com todo o cuidado, viu á luz da lampada, que se encontrava n'um quarto quadrado e não muito grande. No meio havia uma pesada mesa redonda sobre a qual estavam poisados dois candelabros cujas grossas velas estavam consumidas até meio. Holmes acendeu-as e á luz d'ellas adquiriu a certeza de que ali é que era o gabinete secreto do seu amigo — era contiguo ao logar do assassinato.

Devia ter havido ali uma luta violenta: uma poltrona estava derrubada: pelo chão havia papeis e livros espalhados.

O tapete que cobria por completo o chão estava amachucado e sujo.

Um dos lados do estranho aposento mostrava-se sob a fórm de um cofre, uma casa forte. Fóra arrumada: os papeis e livros que lá houvera tinham sido espalhados pelo chão.

Em frente á porta pela qual Sherlock entrara no aposento havia uma outra de ferro: era pois evidente que o mysterioso quarto possuia uma outra entrada pela qual o assassino entrara e matara a sua victima.

Holmes desenvolveu então uma actividade febril e procurando os vestigios do crime, murmurou:

—Por esta porta entraram os assassinos: eram dois como estou vendo pelas pégadas: Filipe que segundo parece estava á mesa e lia quaesquer d'estes papeis que aqui estão no chão, foi atacado pelas costas. Deu um salto quando ouviu o barulho da entrada, e derrubou a sua poltrona. Enquanto se atirava a um dos adversarios, agarrou-o por detraz o outro, e estrangulou-o. Russell caiu aqui. Espera! cá está um revolver carregado e, segundo me quer parecer, é um dos tres que estavam por cima da mão decepada!... Meu pobre amigo! bem tentou disparar mas foi-lhe impossivel!...

Era assim que o celebre policia ia reconstituindo na mente o terrivel drama que ali se desenrolára havia alguns dias.

Começou então a revistar todos os papeis que juntavam pelo chão, confundidos e misturados. Reuniu-os todos cuidadosamente, pôl-os sobre a mesa e depois de ter erguido a poltrona derrubada assentou se n'ella e entregou-se por completo á leitura d'elles.

Pôz de lado como inuteis as descripções de caçadas que lá havia e as quaes se lhe afiguraram completamente desprovidas de interesse pelo menos n'aquella occasião. O que porém lhe attrahiu a attenção foi uma collecção de recortes da gazeta argentina—*La Présa*—Eram muito significativos...

«Muitos dos nossos leitores devem-se lembrar ainda de um dos mais tragicos acontecimentos que se desenrolou na nossa capital ha alguns annos. O então director do Banco Argentino—inglez, Filipe Russell,

tinha desposado a mulher do thesoureiro o qual, como depois se viu, tinha feito no Banco de que se trata um alcance muitissimo consideravel, que Russell cobriu com a sua fortuna, sob a condição porém de que o dito thesoureiro se desquitaria de sua mulher.

«Esta senhora, que era dotada de uma formosura maravilhosa foi dois annos depois do casamento assassinada, mais um filhinho que houvera da sua união com Filipe Russell, e assassinada por um modo horroroso. Fóram baldadas todas as tentativas para agarrar o bestialissimo assassino. Ouviu-se dizer que mais tarde o director do Banco, desejoso de vingar sua mulher e o filhinho tinha encontrado o assassino e lhe causara um ferimento gravissimo.

«Haverá porém alguns dias, a nossa policia prendeu um individuo que disse chamar-se Alberto Barelli e sobre que recaiam pesadas suspeitas de ter tomado parte no assassinato do banqueiro Barreiro. O individuo em questão é maneta: falta-lhe o ante-braço esquerdo.

«Pelas investigações a que a policia procedeu e que fóram coroadas do melhor exito verificou-se que o verdadeiro nome do individuo—que é um italiano—é Carlo Donatelli e não é outro senão o tal thesoureiro que assassinou a mulher e o filho de Filipe Russell. O assassino que está confiado á mais apertada vigilancia nega tudo e recusa-se a prestar quaesquer outras declarações.

Um outro recorte de jornal, tirado da mesma gazeta argentina e datado de alguns dias depois dizia o que se segue.

A FUGA DE UM GRANDE CRIMINOSO

«O italiano Alberto Barelli, ou por outra, Carlo Donatelli, pois que assim é que é o seu verdadeiro nome, e o qual, como informamos já aos nossos leitores, era acusado de uma porção de crimes, fugiu hoje da prisão apezar da severa vigilancia a que estava submettido. Juntamente com elle desapparecen um outro italiano que era o guarda da prisão. Sabia se que Barelli era o chefe ou pelo menos companheiro de um bando de assassinos que se compõe de italianos e os quaes são os auctores dos numerosos crimes e roubos praticados no nosso porto, e nos quaes tambem estão implicadas pessoas de importancia e certa influencia. E' de esperar que a nossa policia consiga lançar mão a este perigoso individuo e pôr um termo ás acções criminosas d'este bando que se tornou o terror da nossa cidade.»

Outros recortes de gazetas mostravam que ainda não fóra possivel deitar a mão áquelle perigoso individuo. Parecia que tinha passado os Andes e fugira para o Chile:

Folheando sempre os recortes de jornaes Holmes chegou á conclusão de que estava no rasto do assassino do seu amigo. Os jornaes davam relatos circumstanciados do crime praticado por Donatelli na familia

de Russell, e descreviam-no como um individuo alto, forte, um gigante quasi, de uma força descomunal e tendo bastos e negros cabellos, bem como a barba, curta e em ponta.

Lendo com cuidado o que lhe offerecia interesse, foi Sherlock reunindo tudo a um lado.

Havia entre a papelada uma relação de notas de banco depositadas no Banco Argentino Inglez, em Londres e um sobrescripto com as seguintes palavras:

A meu irmão Edward Russell em Storcnmarket. Para lhe ser entregue depois da minha morte por intermedio do consul inglez em Locarno. São as minhas ultimas vontades.

O sobrescripto estava aberto e o contendo fóra roubado.

Agora tinha Holmes o fio da meada! Era evidente que estivera ali o bando dos criminosos de que fallava a gazeta argentina. O cabeça d'estes malandrins o tal Barelli, aliáz Carlo Donatelli procurara a morada de Russell e ao mesmo tempo que tomava a sua vingança roubara-o. Era evidente que Russell guardava ali, n'aquelle gabinete secreto todos os seus papeis de importancia bem como a chave que servia para abrir o cofre forte do Banco, e onde havia guardado as notas de que fallava na lista que ali estava sobre a mesa.

—Bom! tudo vai bem! Harry deve ter descoberto já qualquer coisa em Londres.

Entre as innumeradas cartas, attrahiu-lhe a attenção uma dirigida para Calcuttá a Filipe Russell, e cujo contendo era como se segue:

«A onde quer que estejas não escaparás á minha vingança. A minha mão direita quer vingar a mão esquerda! Pertencem-me o teu dinheiro e a tua vida: ambos hei de alcançar. Treme de Carlo Donatelli!»

De repente Holmes ergueu-se d'um salto. O seu ouvido apuradissimo percebera um ruido longiquo. Não era tal e qual como se algem se arrastasse ao longe?

N'um apice todas as velas fóram apagadas e Sherlock acocorou-se atraz da poltrona, com a lanterna na mão esquerda e o revolver na direita, o ouvido á escuta n'uma tensão de nervos espantosa.

Agora tornava-se mais sensivel o ruido... Podia-se ouvir distinctamente o arrastar de algem pelo caminho que conduzia para ali. Vinham-se approximando os passos que Sherlock distinguia serem de duas pessoas. Alguns minutos mais e estariam á porta.

Pouco a pouco foi-se abrindo a porta sem que elle o visse, percebendo-o apenas pela luz que entrava.

Se algem o teria visto?...

Pelo menos assim pareceu pois que de repente os passos pararam...

O pallido clarão de uma lanterna alumiou o aposento.

Sherlock Holmes acocorou-se ainda mais comtudo n'esse momento ouviu-se um tiro e o policia sentiu

uma bala zumbir-lhe aos ouvidos e ir-se cravar na parede.

Ergueu lentamente o revolver na direcção da porta... Um movimento da sua lampada... depois uma detonação, um grito selvagem, um corpo pesado que tombava... e comprehendeu que o tiro atingira o alvo.

—Caramba! disse alguém desatando a fugir.

Sherlock Holmes deu um salto e allumiando o caminho com a sua lanterna viu estendido no chão um individuo.

Inclinou-se e reconheu o moço do jardineiro; estava já morto: a bala fizera-lhe saltar os miolos.

—E' pena! disse Sherlock, antes o queria ter apanhado vivo! Mas o outro sujeito é que me não ha de escapar!

E precipitou-se pelo corredor fóra. Ouviu ainda os passos do fugitivo: o caminho parecia não ter fim.

Ao longe fechou-se uma porta. Sherlock apressou-se ainda mais, havia ainda uns degraus que transpôz d'um salto. Estava agora em frente da porta mas esta fóra fechada pelo fugitivo. Sherlock serviu-se d'uma chave universal e em poucos segundos estava aberta a porta. Mas isso custára momentos preciosos. Precipitou-se por um aposento parcamente allumiado pela luz do dia e que era a velha capella da Villa situada ao fim do parque. Estava agora em pleno campo, mas só via altas montanhas e um espesso bosque. Do fugitivo nem vestígios. Tinha ganho tão consideravel avanço que Sherlock viu logo ser inutil a sua perseguição.

Muito arreliado voltou rapidamente para o caminho subterraneo. Ao tocar com o pé no cadaver do moço do jardineiro parou e começou a revistar-lhes os bolsos.

Foi collocando successivamente sobre a mesa varias armas, um revolver, uma faca, e um box.

Da algibeira interior do casaco do morto tirou Sherlock uma carta já suja e amarrotada, cujo conteúdo lhe despertou a attenção. Junto com algumas notas havia dois bilhetes completamente escriptos mas cujo conteúdo lhe não foi possivel decifrar, muito embora o celebre policia estivesse ao facto das cifras de que os criminosos se serviam. A escripta era composta de uma fila de pontos como se usa na telegrafia e que se podia ler tanto no sentido vertical—pelo menos assim parecia—como no horizontal. Sem se conhecer a classe da cifra empregada, era impossivel chegar a um resultado positivo.

Ambos os bilhetes tinham como sello uma caveira rodeada por uma corôa de punhaes, em caracteres grosseiros havia a seguinte direcção escripta a lapis n'um papel.

E. W.

Pinkstone Street, 16.

Londres.

Sherlock Holmes meteu na sua carteira todos os papeis que encontrara os bolsos do morto e como

nada mais encontrasse no morto que lhe pudesse servir, voltou para a Villa Albona.

Ao entrar no gabinete de trabalho de Russell encontrou Patrick no maior dos desassocegos.

—Ora até que emfim! Louvado seja Deus! Já julgava que o não tornava mais a vêr! Andei á sua procura por toda a casa sem o poder encontrar e já estava em cuidados por sua causa!... Para mais, ha coisa de vinte minutos o nosso dispenseiro viu o maroto d'um typo qualquer a fugir como um damnado pelo jardim fóra, o que me fez ficar ainda mais inquieto. Julguei que o senhor tivesse sido victima de...—

—O dispenseiro perseguiu o tal individuo?—

—Isso quizemos nós, mas antes que nós o podessemos fazer, antes que nos lembrassemos de chamar o cão já o maroto havia trepado pelo muro desaparecendo como um raio!—

—Bem Patrick, mande apromptar o automovel, tenho que ir immediatamente a Locarno falar com o juiz de instrucção, a quem preciso de communicar alguns esclarecimentos de importancia a respeito do crime praticado aqui.

E contou ao velho criado o que lhe acontecera, todas as descobertas que tinha feito. O criado estava pasmado. Nunca ouvira falar do tal caminho secreto: o amo tinha sabido guardar o segredo.

Entretanto apromptava-se o automovel e Sherlock depois de recomendar ao chauffeur a maxima velocidade mandou seguir para a prefeitura do policia em Locarno.

O juiz de instrucção não ficou menos admirado ao ouvir o relato de Sherlock. Quando este lhe mostrou os papeis que encontrara na algibeira do morto disse:

—Pelo signal que trazem os bilhetes, esta caveira com os punhaes, vê-se que Russell foi victima de uma das numerosas sociedades secretas que aqui existe. Um momento só, Mr. Holmes e já vamos vêr a que bando pertence este signal.

Tocou a campainha e encarregou um dos empregados de ir buscar ao archivo secreto um certo e determinado volume e quando o recebeu folheou-o por espaço de algum tempo dizendo depois:

—Cá está, Mr. Holmes! é o signal do bando Carrotti um dos mais perigosos bandos de facinoras de Buenos Ayres, abrangendo membros de diversas classes da sociedade argentina e sobretudo italianos. Este bando tem relações com os criminosos de todas as capitais do mundo.

São-lhes attribuidos numerosos crimes que se deram n'estes ultimos annos; ás victimas d'este bando encontra-se sempre cartas que são dirigidas por este bando e marcadas com o sello que usam.

Já foram apanhados pela policia argentina varios membros d'esta sociedade secreta, mas até hoje ainda ninguem den com o cabeça, com o chefe, nem tão pouco foi possivel dar com o covil. O que é fóra de duvida é que o bando possui no seu seio pessoas de

alta influencia pois é impossivel quasi sempre tornar claros os crimes dos malandrins.

Além d'isso empregam tambem uma cifra que até hoje não foi possivel advinhar.

—Está bem, meu caro amigo. Por agora sei o necessario—replicou Sherlock—Antes de ir a Buenos Ayres, terei de ir primeiro a Londres, pois que me será depois mais facil encontrar o rasto do bando. Pego lhe meu amigo que faça todos os esforços para apanhar o patife que me conseguiu fugir. Como já lhe disse, o sujeitinho tencionava embarcar no paquete que amanhã parte de Genova para Buenos-Ayres. V. Ex.^a tem já todos os signaes d'elle não é verdade?

O commissario respondeu affirmativamente; Sherlock despediu-se. Ao chegar ao hotel encontrou o telegramma de Harry notificando-lhe que o dinheiro depositado por Philippe Russell no Banco, fóra levantado por um desconhecido.

—Isso já eu sabia!—murmurou o policia—é tempo de ir para Londres.

Uma hora depois subiu para o Expresso que o levaria á metropole ingleza.

CAPITULO V

O bando Carrotti

—Vamos, depressa, senhora Bonnett! traga cá um copo de vinho e vá vêr se arranja qualquer coisa de comer para o nosso Harry ganhar novas forças.

—O senhor ainda ha-de fazer com que o pobre moço vá para a cova antes do tempo! Para que é que manda o pobre rapaz a correr Londres?—dizia a boa senhora, toda afadigada e andando n'uma roda viva d'um lado para outro da cozinha, enquanto dois policias levavam para o quarto o inanimado e quasi moribundo mancebo.

Despiram-no e metteram-no na cama. Depois, com todo o cuidado, mas tambem com vigor começou Sherlock Holmes a friccionar os braços e pernas do discipulo os quaes, devido ao facto de terem estado muito tempo ligados tinham inchado muito. Ao mesmo tempo applicava-lhe massagens para activar a circulação do sangue.

Uma golada do vinho trazido pela senhora Bonnet foi introduzido entre os dentes de Harry e depois começou Sherlock a friccionar e a dar massagens de novo ao discipulo. Meia hora depois, o policia voltou-se para a dona da casa.

—Traga qualquer coisa de comer senhora Bonnet. Harry vae voltar a si e um bocadito de trincadeira não lhe fará mal depois do prolongado jejum que supportou.

Effectivamente o doente começava a mexer-se: abriu lentamente os olhos e tentou arguer a cabeça:

deu porém um leve gemido e caiu sem sentidos. O mestre deu-lhe a beber mais um golo de vinho e em seguida começou a massar-lhe a região do coração.

Por fim o pobre rapaz voltou a si. Abriu os olhos e fitou os no mestre, como que expantado, as ideias voltaram-lhe e quiz falar.

—Alto lá meu rapaz! Caladinho, e toca a comer alguma coisa para ganhar forças.

A senhora Bonnett veio toda apressada com um caldo e um bife. Como um pae que trata do seu filho, Holmes foi dando a beber ao seu discipulo o caldo, e depois deitou-lhe na bocca o bife que partira em bocadinhos.

—Não está má essa não senhor! dizia a dona da casa que se postára ao lado de Sherlock a vêr o que elle fazia. Primeiro faz com que o pobre rapazito esteja vai não vai, a ir para o outro mundo e depois põe-se a tratar d'elle, que até parece a mãe a tratar dos filhos...

—Faça de conta que foi a senhora quem o poz ás portas da morte e que depois me foi chamar para o tornar a pôr bom, gracejou Sherlock Holmes cujo bom humor ia voltando, á medida que Harry se ia restabelecendo. Além de que o menino tem de ficar bom ainda hoje, se quizer amanhã ir viajar comigo...

—O quê? o senhor quer-se ir embora já amanhã e levar consigo Harry, que ainda está tão doente? Bem dizia eu no outro dia que o senhor é judeu!

E a dona da casa toda scandalizada saiu do quarto.

—Sr. Holmes o que foi que aconteceu? disse Harry erguendo-se embora muito a custo, do logar em que estava.

—Descança meu rapaz; não é nada. Estás melhor da cabeça? Bom: vou contar-te o que se passou. Mas entretanto vá lá mais uma golada. . . Isso. Agora já debes estar melhor.

—Sim, sr. Holmes já estou completamente bom. Sómente a cabeça é que me está a zumbir como trezentos diabos e os braços e pernas estão que nem uma braza.

—Isso já se sabe! Se te parece! tres vezes vinte e quatro horas deitado e amarrado, sem comer nem beber, não é brincadeira nenhuma; não me admira nada d'isso; o que me espanta é que tu tivesses resistido! Já era tempo que te encontrasse na Pinkstone-street! Agora escuta: vou contar-te o que foi que descobri em Locarno enquanto tu esperavas em Londres.

E em poucas palavras Sherlock Holmes contou tudo o que se tinha passado desde que se separára de Harry.

—Ao chegar ao hotel depois do que te contei já, recebi o teu telegramma no qual me dizias que o dinheiro de Russell fóra levantado do Banco por mão desconhecida. Isto bem como o bilhete achado nas algibeiras do morto fez-me vêr que a pista dos criminosos, que têm o seu quartel general em Buenos-Ayres, deveria começar a ser procurada aqui em Londres.

«Pena foi que o sujeito cujo nome de guerra eu soube em Genova, tivesse escapado á policia italiana conforme um telegramma de Locarno hoje me fez sciente.

«Eu já devia saber que a policia italiana não peca por excesso de diligencia. Quando se lhe não entrega um criminoso, não é capaz de o agarrar. Mas em todo o caso, o que é certo é que estamos no rasto de um terrivel bando de faccinoras.

«Parti de Locarno no expresso depois de avisar pelo telegrapho. Quando cheguei a Londres admirei-me muito de me não teres ido esperar á estação. Fui logo a Bakerstreet onde encontrei a senhora Bonnet muito afflicta. «Sr. Holmes, ainda bem que chegou! Harry Taxon ha tres dias que não apparece. Já hontem cá esteve o sr. Edward Russell, que estava admiradissimo de elle não ter ido a sua casa como promettera. O senhor pôde julgar como eu fiquei ao ouvir que Harry não fôra visitá-lo. O sr. Russell dirigiu-se immediatamente á Scotland-Yard e a policia anda já ha quarenta e oito horas correndo todas as baiucas e tabernorias da cidade, sem que lhe tenha sido possivel até agora encontrar o minimo vestigio. Naturalmente assassinaram o pobre mocinho.» E a senhora Bonnet começou como de costume a jurar que não podia supportar uma vida assim de continuos sobresaltos, que não queria mais permanecer aqui e que desde o momento que tu tivesses morrido, tambem a vida lhe não serviria para nada. Etc., etc., etc.

«Ora eu já te disse que no bilhete que achei nos bolsos do moço jardineiro, estava escripta a direcção: Pinestonestreet, 16.

«Pensei logo que essa caso tinha estreita ligação com o nosso caso e mal que soube que tinhas desaparecido fui lá. O bairro onde ella está situada é um dos mais baixos e de peor fama. A casa que tem o numero 16, um velho pardieiro, segundo parece deshabitado ha muito tempo, estava fechada. Arrombei a porta e entrei com dois policiaes. No terceiro andar fomos dar contigo amarrado á cama e como morto.

—E' verdade, sr. Holmes. Agora é que me começo a lembrar como foi que lá fui dar; bateram-me com um sacco de areia em plena rua e arrastaram me depois para esse pardieiro. Suspeita já a quem pertence a casa?

—Sim meu rapaz: o proprietario é um rico proprietario da City, o qual a alugou por intermedio do seu procurador a um tal Brandon. Alugou-a por um semestre e como o sujeito lhe pagasse logo o aluguer não se incomodou com mais nada.

—Esse Brandon é com certeza o chefe dos tres malandrins que me atacaram, o tal a quem chamavam Ulrico. Este sujeito foi tambem, estou certo d'isso, quem levantou o dinheiro do banco. Lembro-me agora que o patife falava d'um Conte, por quem esperava por elles, e desejavam tambem apanhar o paquete para Southampton.

Naturalmente o passaro escapou nos.

—Isso é claro meu velho. Temos que nos pôr quanto antes a caminho de Buenos Ayres. Amanhã

parte o paquete de Southampton e nós vamos o aproveitar. Parece-te que estarás já bom para seguir viagem?

—Certamente mestre, e ainda que tivesse de ser levado ao collo para o paquete, eu é que o não largo sr. Holmes. Além do que já me sinto muito melhor. Estou quasi bom.

E para provar a sua asserção fez um movimento e poz-se em pé.

—Pois alegre-me muito que te sintas com forças para seguires viagem commigo. Mas olha que vae ser uma viagem terrivel, pois que temos que nos medir com um bando dos mais perigosos facinoras.

—Tanto melhor, sr. Holmes.

Apezar dos vivos protestos da senhora Bounett, no dia seguinte Holmes acompanhado pelo seu fiel discipulo dirigiu-se para a estação e sahiu para uma das carruagens do comboio de Southampton.

O paquete *Elliot* da carreira da America do Sul estava já no porto preparando-se para a viagem e Sherlock Holmes mais o seu companheiro seguiram, dizendo adeus á terra natal.

* * *

No porto de Buenos Ayres reinava um bulicio enorme, um movimento de idas e vindas que augmentava cada vez mais. O paquete *Elliot*, chegado de Southampton tinha atracado ao molhe. Do interior do navio jorava uma onda variegada e buligosa de gente das mais diversas classes: trabalhadores, emigrantes do sul da Europa que iam para a joven republica em busca de fortuna, carregados com as suas pobres bagagens; creados e correctores de hoteis, policiaes do porto, mendigos, vagabundos todos esfarelhados, viajantes etc; e no meio de todo este bulicio o barulho dos guindastes descarregando bagagens ao mesmo tempo que o paquete resfolegava ondas de fumo e de vapor.

Uma interminavel fileira de carruagens estava postada a um lado do caes e de vez em quando ouvia-se o grito dos conductores de carros chamando os passageiros para offerecer os seus serviços.

Vendedores de jornaes, moços de fretes e empregados da Alfandega iam e vinham apressados no meio d'aquelle immenso borborinho.

Sem se importar com aquelle movimento, insensivel a toda aquella animação um dos passageiros elegantemente vestido e segundo as apparencias um dos fleumaticos Lords que se dá ao prazer das viagens, deixou o navio e seguido pelo seu criado, dirigiu-se para a fila de carruagens sem se importar com os offerecimentos dos correctores.

Um dos rapazitos que costumam vaguer pelo porto, correu immediatamente para o Lord e perguntou-lhe com uma viveza toda meridional se o *senhor Marquês* não desejava que lhe engraxasse as botas. Algumas moedas de cobre que o Lord lhe atirou não foram bas-

tantes para conter o obsequioso rapazito, que continuou offerecendo os seus serviços.

—*Hotel da Europa* gritou o criado para o cocheiro, ao mesmo tempo que o Lord subia para o carro.

O criado subiu para a almofada levando a pequena bagagem e tomou logar junto do sujo cocheiro.

O carro afastou-se rapidamente, e o pequeno engraxador, um garotito italiano, encaminhou-se cantando pelo caes fóra até junto de uma suja espelunca, aonde encontrou um trabalhador; tipo de italiano e a quem disse disfarçadamente as palavras *Hotel da Europa* continuando a seguida o seu caminho. Poucos minutos depois o trabalhador desaparecia no interior da baiuca onde reinava um barulho ensurdecedor.

O chefe da policia argentina Manuel Rodriguez estava sentado no seu gabinete de trabalho, entregue ao estudo de um grosso volume de processos. N'isto bateram levemente á porta e quando o chefe da policia disse, entrel apresentou-se uma ordenança que lhe entregou um cartão de visita.

—Senhor, este cavalheiro deseja-lhe fallar com toda a instancia.

—Edgar, Lord Littonfoncauld, leu o chefe. Mande entrar, disse para a ordenança.

—Em que lhe posso ser prestavel, Mylord? disse dirigindo-se ao visitante, um cavalheiro elegantemente vestido.

—Então senhor Rodriguez, como passa desde a ultima vez que tive o prazer de o cumprimentar? disse o Lord no mais correcto castelhano.

—Caramba! não estarei eu enganado?... mas não! não é possivel!...

—E' possivel, é sim senhor!... é Sherlock Holmes em pessoa, quem tem a honra de lhe estar fallando, replicou o Lord apertando-lhe a mão effusivamente.

—Mas que agradável surpresa! Muito me alegra o tornal-o a vêr. Naturalmente é a caça de alguma féra que o traz até cá?

—Justamente, sr. Rodriguez, e é para lhe pedir o favor de me dar algumas informações que o vim cá incomodar.

—Mas, da melhor vontade meu caro sr. Holmes. Estou inteiramente á sua disposição, mais toda a minha gente. Queira dizer o que deseja meu bom amigo.

—Para encurtar palavras, dir-lhe hei que ando na pista do assassino de um dos meus amigos. Este criminoso de que lhe fallo é o chefe de um bando de criminosos, o bando Carrotti, e que se compõe principalmente de italianos. Poder-me hia dar alguns esclarecimentos acerca dos ultimos crimes que aqui se perpetraram e em cuja perseguição ando empenhado? Já solhi algumas informações a este respeito com os seus subordinados por meio da Scotland Yard, mas naturalmente o senhor pôde-me fornecer mais amplos pormenores.

—O senhor bem sabe, sr. Holmes que aqui em Buenos Ayres, onde vem parar individuos de todas as nações, italianos, hespanhoes, allemães, inglezes, syrios e até ciganos, os bandos criminosos são tão diversos como perigosos. E apesar da nossa policia secreta ser tão bem organizada como a das principaes capitães da Europa, nem sempre é possivel deitar a mão aos criminosos. Os italianos formam cá a mais perigosa colonia de criminosos e como os seus auxiliares são muitas vezes recrutados nas mais altas classes, auxiliares estes que os protegem e até muitas vezes partilham dos seus roubos, é difficilima a lucta com elles.

E um dos que mais nos dá que fazer é esse maldito bando Carrotti. O meu amigo nem põe na sua ideia quanto elle prejudica a nossa cidade. Ninguém tem a vida segura deante d'esses criminosos. Eu proprio que tenho nas mãos todos os meios de perseguição contra elles, vejo-me muitas vezes impossibilitado de fazer coisa que se veja. Muitos dos nossos melhores cidadãos preferem pagar ao bando o tributo exigido. E' ai d'aquelle que ousar oppôr alguma resistencia a este bando. O individuo visado, nunca mais pode estar d'ali em deante seguro da vida, muita vez o cadaver do assassinado traz na frente a marca a fogo do bando, uma caveira rodeada de punhaes.

Nos ultimos tempos uma serie de pessoas de distincção tem sido victimas d'estes bandidos, assassinaram-nos e depois roubaram-lhes a fortuna: os negociantes são convidados a pagar altas sommas, sem o qual é possivel que caiam nas mãos do bando. Prendemos alguns pobres diabos mas tem-nos sido impossivel até hoje chegar a um resultado positivo.

De modo que a sua cooperação é preciosissima sr. Holmes, embora eu duvide de que o meu amigo consiga livrar a nossa capital d'esta negregada peste que a infeciona. E posso-lhe dizer que o senhor se vae metter n'um negocio perigosissimo.

Aconselho o meu amigo a que se acantele o mais que puder. Ponho toda a nossa gente ao seu dispor, mas lembre-se de que tem que se haver com os mais temiveis criminosos que ha em toda a parte. Vou pôl o hoje ao facto dos ultimos crimes que se praticaram na nossa capital e emfim ahi o meu amigo poderá ter occasião de mostrar o muito que vale.

—Agradeço muito o seu cuidado, sr. Rodriguez, mas desejava ainda uma coisa. Estou no rasto de diversos membros d'esta quadrilha e notei que elles se referem muitas vezes a um certo Conte o qual parece desempenhar um papel importante entre elles n'esta terrivel tragedia. Desconfio de alguma alta personalidade que seja o chefe do bando Carrotti?

—Não sr. Holmes. Acontece que varias vezes desconfiamos d'uma ou outra pessoa em evidencia, mas depois de grandes investigações reconhecemos como infundadas as nossas suspeitas.

—Ainda uma pergunta, sr. Rodriguez: Conhece algum local onde os membros d'este bando se costumam reunir?

—Certamente sr. Holmes. E' a taberna de La

Plata, uma velha e nojenta baiuca de marinheiros ao sul do porto. O taberneiro é um italiano que já esteve preso muita vez e que segundo nos parece é o confidente d'estes bandidos. Mas é uma raposa já muito velha e matreira e segundo parece mantem tão fortes relações com pessoas de influencia da nossa capital que até hoje ainda não foi possível provar nada contra elle. Mas o que é certo é que na sua taverna reunem-se tudo quanto ha de peor no porto, e de vez em quando mando-a vigiar...

Na taverna *La Plata* no porto de Buenos Ayres está tudo alegrissimo. Abancados ás sugissimas mezas estão alguns individuos cujas caras patibulares, indicam á primeira inspecção que não recuariam deante de nenhuma acção criminosa. Conversa-se animadamente em italiano, e a conversa é seguida de vez em quando por abundantes libações de vinho de Mendoza.

—Então como te sentes lá por Londres Pepe? dizia um individuo robusto e bexigoso que parecia napolitano.

—Ora! ás mil maravilhas! A coisa correu que foi uma beleza. Havia de vêr como Ulrico empalmou as notas ao tal inglez! Contanto que fôssem razoaveis na partilha era o que nós queriamos, pois os nossos bolsos estavam cheios de bombas e a coisa seria bonita se não tivessem procedido como deviam!

—Pois então, Pepe, viva o nosso chefe! E' um tipo ás direitas, um tipo que tem sempre que nos dar a fazer! Estou com curiosidade de saber porque é que estamos aqui todos! Naturalmente a coisa promette!...

—Ricardo, o taberneiro, deve saber do que se trata. Olha para aquella carinha!...

—E' lá Ricardo! gritou o que fallava com Pepe, ha alguma coisa que prometta como a ultima, na avenida de Santa Maria?

—Está socegado que é o que se quer. Depois saberás o que o chefe pensa fazer. O que te posso dizer é que se trata de coisa fina, coisa que vae dar que fallar.

A conversa foi interrompida pela entrada de dois marujos, que vinham segundo parecia um tanto alegres e se foram sentar a uma das mezas vazias pedindo *gin*.

—Lá vae, lá vae já senhores; vão ser servidos como convem aos freguezes da taverna *La Plata*, replicou o taberneiro enxugando ao lenço vermelho as espessas gottas de suor que lhe camarinhavam a fronte.

—Não estamos cá para demoras, replicou o mais velho dos dois matalotes, temos sede e precisamos de recolher a bordo quanto antes; o tempo não chega para conversas.

E deixaram-se cair com todo o peso em cima do banco.

Sem se importarem com nenhum dos circumstantes, esvaziaram os copos de *gin*. Um bom observador

teria comtudo notado que o mais moço dos marujos, dava uma cotovellada ao outro, dizendo:

—Mestre: cá os temos, os que me atacaram: reconheço entre elles o tal Ulrico.

Mas a porta da entrada tinha-se aberto e dois trabalhadores do porto que pareciam ser muito conhecidos da gente ali reunida, entraram indo-se sentar a uma das mezas, pedindo aguardente ao mesmo tempo que fallavam com o taberneiro sem se importarem absolutamente nada com os frequentadores da taberna.

Estes faziam um barulho dos diabos. As libações eram abundantes e alguns principiaram a cantar uma canção do mar ao mesmo tempo que certas cabeças já mais esquentadas começaram á questão. Depressa rehentou entre elles um barulho infernal. Já varios malandrins puxavam das *navajas* e punhaes, e uma d'aquellas brigas que acabam sempre pela morte de algum dos contendores pareceu ser inevitavel.

De repente porém apagaram-se por completo os bicos de gaz que allumiavam a taberna e no mesmo instante ouviu-se alguém saltar para a porta de entrada e correr lhe as pesadas portas.

Seguiram-se profundas trevas, até uma voz gritou em inglez.

—Aqui, Harry encosta-te á parede, para termos as costas protegidas: isso servir-nos-ha de muito.

Então levantou-se n'aquellas trevas um grande tumulto.

Lampadas electricas illuminaram instantaneamente a baiuca.

—A elles rapazes! agarrem esses dois velhacos! até que finalmente os temos, depois de duas semanas de troca com a gente!

O barulho então foi medonho: soaram diversos tiros e alguns feridos caíram desamparados por terra.

A luota foi-se tornando cada vez mais violenta: cadeiras e bancos foram derrubados. Aqui e ali soavam curtas ordens. Por fim ouviu-se a voz do taberneiro:

—Eh lá, Pepe! aqui os temos! Accende a luz.

Immediatamente flammejou o gaz e á sua luz viu-se que os dois marujos estavam amarrados e estendidos por terra. Proximo d'elles havia dois cadaveres, os dos dois bandidos que os tiros do policia tinham atingido.

Alguns dos bandidos levaram Sherlock e o discipulo para um dos quartos interiores da taberna. Os mortos foram transportados para fóra da taberna e as portas onduladas correram-se de novo. Minutos depois brilhavam já as luzes da taberna reflectindo-se no caes. Ninguém diria que acabava de ser consummado ali um crime.

No quarto interior de que fallamos, estava tudo contentissimo; o taberneiro que, ao que parecia gosava de uma certa auctoridade entre os do bando, pois todos partilhavam os seus modos de vêr, estava todo afadigado, a dar ordens continuadas.

—Capriolo, põe-te já a caminho do Conte e diz-lhe que o negocio correu bem e que dentro de pouco tempo lá estou no Palazzo com a mercadoria.

Pepe e Giuseppe, vocês vão vigiar o caminho do porto até á Plaza de Mayo, e tenham cuidado que ninguém nos siga quando eu passar com a coisa.

Vocês dois, Paolo e Eurico, vigiem o caminho desde a Playa de Mayo até ao Palazzo. Se não hover nada que lhes cause suspeitas, dirijam-se n'um rufo para o Palazzo; já sabem qual a entrada e a senha. Vamos a caminho.

O bandidos saíram pelas trazeiras para cumprir o que lhes fora ordenado.

Ouviu-se no pateo atrelar um cavallo a um carro e momentos depois entraram dois bandidos e disseram qualquer coisa ao taberneiro.

—Bello! levem esses dois sacos e ponham-nos por cima d'elles para que não vão gelar: o tempo está frio E' meia noite: vou fechar um bocado mais cedo e vamos-nos pôr a caminho.

Holmes e Harry estavam estendidos por terra, solidamente ligados e sem que lhes fosse possível mecher-se. Dois bandidos pegaram em cada um dos policias e metteram-nos em saccos, que foram atados em cima. Em seguida arrastaram-nos para o pateo e puzeram-nos sobre uma carroça como as que ha em Buenos Ayres para o transporte de vinho. Garrações e garrafas vazias foram collocados por cima dos dois viventes e de tal modo que ninguém os poderia descobrir.

Então o taberneiro saiu e a porta da espelunca foi fechada por uma repellente metriz italiana e o carro seguiu pela rua fóra levando os tres criminosos na almofada do cocheiro.

CAPITULO VI

O epilogo de um drama

Na rua principal de Buenos Ayres, a Avenida de la Santa Virgen erguem-se as mais sumptosas Vilas da capital argentina distante do centro da cidade e de todo o seu borborinho, forma esta avenida com as diversas ruas que a cortam, um sumptuoso ponto de reunião onde altas fileiras de predios que na estação calmosa prodigalisam agradaveis sombras, bem como diversos jardins com os seus bem cuidados e vigosos massigos de flôres trepicaes tornam esta arteria da cidade argentina uma das mais bellas e encantadoras estancias.

Ao fim da Avenida que vira suavemente para oeste, encontra-se o palacio do Conde Montebello di Sesto, uma poderosa edificação de cantaria e rodeada de todos os lados por um grande parque.

Ao longo da Avenida vinha uma carroça e ao passar pelo palacio do conde voltou-se e meteu para uma travessa, parando defronte de um portal que havia no parque do palacio.

O cocheiro desceu e tocou trez vezes. Então abriu-se o portão sem o mais leve rumor e mal elles

e a carroça entraram fecharam-se logo os dois batentes.

—O conde espera por vocês, disse baixinho uma voz que não era outra senão a de Capriolo, vão ao seu gabinete de trabalho entretanto os outros Carrotti ir-se-hão reunindo na sala. Quanto á mercadoria que ahi trazem vamos pô-la no sitio competente.

Emquanto Holmes e Harry eram levados pelo parque fóra e collocados numa cave, o taberneiro seguia um creado, que o fez subir uma escadaria parcamente allumiada até que chegaram ao andar nobre. Atravesaram varias salas e podia-se ia notar que o taberneiro conhecia já muito bem os cantos á casa, pois que se dirigiu para uma porta, bateu tres vezes e sem esperar auctorisação entrou rapidamente.

O aposento estava todo illuminado pela onda de luz que jorrava de um precioso lustre. O fogão de marmore scintilante era ornado com magnificos bronzes e vasos: um valiosissimo tapete persa cobria por completo o chão e abafava todo e qualquer ruido. Armas e Gobelins adornavam as paredes. Confortaveis poltronas convidavam a repousar.

O proprietario do palacio, o conde Montebello di Sesto installára-se alli havia uns annos. O brilhante nome que usava e a sua monstruosa fortuna, faziam com que desepenhasse um alto papel na sociedade argentina. Além d'isso as festas que dava no seu palacio eram frequentadas pelas primeiras familias da capital e tinham-no tornado celebre.

Deante da janella que deitava para o parque havia uma secretária toda cheia de preciosos embutidos e á qual estava assentado um cavalheiro elegantemente vestido e que ao entrar o taberneiro se levantou e lhe apertou a mão.

Era um individuo de alta estatura largo d'olhos e forte: os movimentos do corpo indicavam força phisica e destreza. O rosto era enquadado por uma barba já um tanto grisalha, trahia saude e vigor; os olhos claros scintilavam-lhe vivamente por sob as espessas sobrancelhas: os cabelos bastos e alourados davam-lhe uma expressão juvenil.

Ao estender a mão direita ao taberneiro o braço esquerdo ficou immovel.

—Então segundo o que me contou Capriolo desepenhaste bem o teu papel, Ricardo. Trouxeste os dois tipos hein? Foi trabalhinho custoso o apanhar os dois rafeiros?

—E' verdade. Conte, replicou o gordo Ricardo, eramos uns dez homens mas custou a prender os dois cães, principalmente o Holmes que custou a amarrar como trezentos diabos. Dois dos dos nossos pobres companheiros lá foram para o outro mundo antes que nós podessemos ligar os patife. O que valeu foi estarem as luzes apagadas, pois que assim os falso marinheiros atrapalhavam-se, do contrario nenhum de nós estaria aqui. A minha faae clama vingança contra duas boxadas que o patife me pregou.

—Deixa lá Ricardo, tanto mais te alegrarás quando nós os pozermos no lugar onde já deviam estar ha muito tempo. Torna-se urgente que desapareçam

quanto antes do mundo; podem fazer lá na sua Inglaterra que o diabo confunda, tudo o que lhes apeteça, mas aqui têm de nos deixar em paz. Já não foi pouco o terem perseguido em Londres Ulrico, ao tempo empalmando a fortuna do meu bom amigo Russell. Quem os manda metter o nariz nos nossos negócios? Pois vão ver que isto aqui não é a horda miserável de criminosos lá de Londres: isto aqui é o bando Carrotti que é tão forte que acaba de se apoderar de Sherlock Holmes e do seu discípulo.

«Segundo me parece prepara-se para hoje um *Formicolio*, o que vai ser uma coisa completamente nova para os dois ingleses e nos fará rebrantar de alegria. Estão já feitos todos os preparativos. No fim ha vinho de Mendoza à descripção, pois que perdidos os vestígios do assassino de Russell ninguém mais nos virá incomodar.

—Estou contentíssimo Conte: isto é que foi uma noite! Mas ainda ha uma coisa Conte: é que a nossa gente deseja um trabalhinho em termos como o da ultima vez em casa do barão Dubois a quem raptamos d'entre os seus empregados e creadagem e que teve de nos dar um cheque de 100.000 pesos sobre o banco da Argentina! Isso é que foi uma parodia!

—Temos que nos acatellar um bocadinho d'aqui em diante Ricardo: precisamos de não dar signal de nós durante algum tempo porque o chefe da policia está d'olho alerta e tanto assim que como sabes poz no olho da rua todos os italianos que estavam ao serviço da policia e agora tenho difficuldades enormes para estar ao facto de certos acontecimentos. Tenham paciencia por algum tempo. Tenho cá um plano que me parece dará bom resultado; um assalto a um barco... Se a coisa der, poderemos depois descançar por algum tempo. Mas vamos para a sala da reunião: todos os nossos Carrotti já devem estar reunidos.

E deixaram o gabinete de trabalho dirigindo-se escadas abaixo até á cave. Aqui dirigiram-se por um apertado caminho que levava a muitos sitios e que por fim terminava em frente de uma porta de ferro fundido que o Conte abriu com uma chave que tirou da algibeira. Entraram então para um aposento acanhado e que recebia uma luz muito escassa de um bico de gaz. Encostados ás paredes havia diversos saccos. Abriram uma segunda porta e entraram n'uma espaçosa adega que apoiada em poderosas columnas dava a impressão de uma grande sala.

Abancados a compridas mesas estavam sentados muitos individuos que conversavam vivamente entre si expellindo para o ar grossas baforadas de fumo de tabaco e carregando a atmosfera de espessas nevoas.

Muitos d'aquelles individuos, que tinham estampados no rosto os estigmas do crime, verdadeiros tipos de bandidos, já nós os conhecemos da taberna La Plata. Mas não são só elles que lá estão: ha também individuos elegantemente vestidos, com apparencia de mercadores, e até empregados do Estado, gente da qual nunca ninguém teria suspeitado que mantinha relações com criminosos. Até alguns empregados da

policia uniformizados partilham da sociedade e parecem amigos velhos de toda aquella malandragem.

A' entrada do Conde seguido de Ricardo calaram-se todas as boccas, olhando todos os presentes para elles. O conde caminhou até meio da sala, e ahi subiu a um logar mais alto uma especie de estrado d'onde abrangia toda a assembleia e saudou-a profundamente.

Depois de ter batido por tres vezes sobre a mesa com uma caveira que tinha deante de si virou-se para o individuo que lhe ficava ao pé, um sujeito velho e que todos á primeira vista diriam ser o tipo da honradez e que parecia occupar um alto cargo no bando.

—Chancellor, o bando Carrotti foi todo convocado está aqui todo, e não ha traidores entre nós?

—O bando Carrotti está todo reunido, foram observados todos os preceitos e não ha traidores entre nós, Conde! disse o tal chancellor erguendo-se do seu logar

—Juras pela tua vida que todos os presentes pertencem á nossa sociedade?

—Juro pela minha vida, como chancellor do bando Carrotti, que todos os reunidos aqui, são nossos irmãos e juro que não ha traidores entre nós.

—Está bem chancellor. Declaro aberta a sessão! E inclinando-se para os circumstantes, o conde começou:

—Mandei-vos reunir hoje aqui para que applicasseis o devido castigo a dois atrevidos policiaes que tinham tomado a peito a tarefa de nos perseguir.

«Embora com immenso custo foi-nos possível apanhar esses dois rafeiros que são sem duvida os mais finos que ha no mundo e que vão ser convidados á força a tomar parte na nossa reunião. Já ouviram falar muitas vezes d'elles: são Sherlock Holmes e Harry Taxon.

Ao ouvir estes dois nomes um indescritivel jubilo circulou por entre os circumstantes. Gritos selvagens como —«aonde estão os nossos hospedes? Vamos a elles conde!... Queremos-lhe dar muitas recommendações!» encheram a sala.

—Socego irmãos, socego! Deixem-me falar! disse o conde dominando com a sua voz o tumulto. Infelizmente a posse d'estes dois tipos custou a vida a dois dos nossos.

De novo resoaram gritos como «Vendetta! Entre-guem-nos esses cães!»

—Este Holmes poz-se a caminho para investigar onde está o dinheiro do cavalheiro Russell, esse cão inglez; dinheiro que alguns dos nossos camaradas obtiveram para nós á custa de immensos sacrificios. E pozem-se então em campo para dar com o nosso bando. Mas eu fiz com que os vigiassem e hoje caíram em nosso poder.

«O sr. Bartelli nosso digno camarada da policia, poder-vos-ha confirmar o seguinte; que estes dois patifes inglezes ainda hontem fizeram uma visita ao chefe da policia, com o fim de obterem esclarecimentos mais amplos.

—Assim é, irmãos, disse um cabo da policia argentina, tipo forte e vermelhusco. Holmes foi hontem fa-

lar com o nosso chefe a quem se apresentou como um lord vindo de Inglaterra, e disse-lhe que se ia pôr em campo para dar cabo do nosso bando...

Enormes gargalhadas cobriram as palavras do cabo da policia.

—E hoje, presados confrades, os dois tipos, mestre e discípulo, vestiram-se de marinheiros e foram ao nosso ponto de reunião á taberna La Plata e o nosso dignissimo amigo Ricardo recebeu-os como convinha e trouxe-os até aqui.

Parece-me, camaradas, que podemos hoje mostrar quanto valemos e preparar aos dois visitantes um *Formigueiro* em termos, para que melhor possam conhecer o que é o bando dos Carrotti.

—Um barulho monstruoso seguiu as palavras do conde.

—Venham os cães! Toca a arranjar o *Formicolio*!... Onde estão os gajos?

Pela segunda vez dominou o tumulto a voz do conde.

—Pepe! Bombita! Manda entrar os dois visitantes que eu vou ter o prazer de apresentar aos nossos irmãos! Camaradas, apromptem o *Formicolio*!

Todos os presentes saltaram para cima das cadeiras; os dois bandidos Pepe e Bombita precipitaram-se para o aposento contiguo e arrastaram para a sala os dois saccos nos quaes estavam ligados e immobilizados Harry e Sherlock. Entretanto collocou-se uma grande mesa no meio da casa e os circumstantes apinharam-se em redor d'ella.

Pepe e Bombita abriram o primeiro sacco. Dentro estava Sherlock Holmes, solidamente amarrado. Por ordem do conde tiraram-lhe a mordaga, desligaram-no e foram-no collocar ao lado de uma das mesas que estava junto das traves que sustinham o tecto e ligaram-lhe os braços á trave.

Todos se juntaram em roda d'elle para melhor poderem ver o temido policia. Tinham no ouvido citar tantas vezes, as suas aventuras eram tão celebres que tinham empenho em o conhecer de perto.

Olhares cheios de odio, palavras cheias de fel e ironia, pontapés, etc., tudo supportou em silencio o grande policia.

—Pois meu caro sr. Holmes, ninguém teria julgado que o senhor nos teria caído nas unhas tão depressa! Porque foi que não deu ouvidos ao nosso chefe de policia que ainda hontem o advertiu de que o nosso conhecimento era uma coisa perigosa, e sobretudo ir ter connosco á taberna de La Plata.

Sherlock Holmes passou em revista com um olhar penetrante os que o rodeavam. Os seus olhares incidiram sobre os dedos do conde, que mais pareciam garras d'ave de rapina. E logo notou que o braço d'elle pendia inerte ao longo do corpo e a mão estava calçada com uma luva.

—Ah! pensou Sherlock Holmes, aqui temos o sujeitoinho. Este é que é o celebre Donatelli, o antigo thesoureiro do banco, o assassino da mulher e do filho de Philippe Russell e o assassino também do meu

pobre amigo. Agora meu velho já te encontrei e não me escapas!

Sherlock parecia não se incomodar com o facto de estar em poder do conde. Tinha esperanza de que se havia de libertar. A sua estrella não o havia de deixar morrer já!...

Entretanto Harry fôra conduzido para a outra meza depois de o terem desamarrado.

—Penalisa-me muito, sr. Holmes, que lhe não possa offerecer coisa melhr, mas para que possa conhecer quaes são os nossos costumes, permittir-nos-ha que proporcionemos ao seu discípulo um *Formigueiro*. Tenho a certeza que o ha de interessar muito o espectáculo, até que o possa pessoalmente avaliar.

E depois d'estas ironicas palavras, o conde fez um aceno aos seus companheiros e estes trouxeram do aposento proximo dois saccos completamente cheios.

Entretanto os bandidos tinham despidido por completo o pobre Harry, e depois de o collocarem em cima da mesa ligaram-no a esta, no meio de exclamações ironicas, ironias a que Harry completamente tranquillo se não dignava responder.

Holmes que estava como se disse atraz, preso á trave, via tudo o que se passava, e seguia espantado os preparativos d'aquelles miseraveis. Advinhava qualquer coisa horrorosa!...

Um dos bandidos trouxe um balde que continha qualquer coisa pegajosa e com um grande pincel rodeou os bordos da mesa com uma espessa camada d'aquella massa.

—Prompto, Conte, disse o facinora dirigindo-se ao conde logo que tinha terminado.

—Eh lá! Pepe! Bamito! toca a abrir os saccos e a offerecer a este senhor o delicioso *Formicolio*!

Os dois miseraveis abriram os saccos com todo o cuidado e emquanto os outros membros do bando se apinhavam em redor da mesa sobre qual Harry jazia, e outros se punham em cima das mesas, para não perderem nada do interessante espectáculo, esvaziaram os dois saccos sobre o pobre Harry.

Holmes deu um grito de terror e uma dôr immensa apoderou-se d'elle.

Milhares, não milhões de formigas pretas jorraram do sacco e caíram sobre Harry. Os saccos iam lançando sem interrupção novos enxames e em breve o corpo do desventurado ficou litteralmente coberto por uma espessa camada de formigas que se moviam com difficuldade procurando sugar-lhe o sangue.

Era a coisa mais horrivel que Sherlock Holmes presenciára até alli!...

Como poderia elle soccorrer o desgraçado momo? Teria este que soffrer uma tão barbara morte e deante do mestre que lhe não podia valer?

Porque era impossivel que um homem pudesse soffrer por muito tempo semelhantes tormentos: o mais que poderia durar era alguns minutos até que os milhões de formigas a quem se recusara o alimento durante muito tempo tivessem devorado os olhos do paciente e entrando-lhe pela becca e pelo nariz enco-ntrassem o caminho para o interior do corpo.

Cheio de colera, Sherlock Holmes procurou reben-tar as correias, não pensava sequer que uma sorte semelhante lhe estava destinada: o que o punha era a ideia de não poder auxiliar o seu fiel companheiro. Tanto se lhe importava que tanto elle como Harry tivessem de morrer, mas o que não queria de fórma alguma era que fosse d'aquella maneira.

Harry devia soffrer tormentos infernaes, pois que Holmes bem via como o corpo d'elle, apezar das liga-duras estremecia e se estorcía ao sentir turbilhonar sobre si os montões de formigas, sem que lhe fosse possível minorar o tormento que ellas lhe causavam.

Os bandidos seguiam aquelle horroroso drama com uma volupia verdadeiramente infernal.

Holmes tentou mais uma vez, empregando todas as suas forças, livrar-se dos laços. Em vão! As cor-reias de pelle de bufalo não se desatavam. Era fóra de si que via o desgraçado Harry devorado pelas for-migas. Tentou então com todas as suas forças mover-se para cá e para lá e desatar as correias por meio de movimentos dados ao corpo. Nenhum dos presentes notára a sua manobra: todos os olhares convergiam sobre Harry cujo corpo estava todo coberto pelos ter-ríveis animaes.

—Ora agora é que elle fica para sempre curado do reumatismo! Chama-se a isto uma cura de insetos... Este diabo tinha creado gordura demasiada...

Era assim no meio de risadas e gracejos que os miseraveis assistiam ao martyrio de Harry.

Holmes fez um esforço e tentou mais uma vez de-sapertar as correias.

Mas o que era aquillo?... A trave devia estar po-dre pois o policia notou que as correias se encrava-vam na madeira e lhe davam mais liberdade aos bra-ços. Continuou a mexer os braços com toda a força ganhou mais um bocado de folga... Agora já podia mexer a mão direita: com toda a cautella tirou a faca da algebeira... alguns golpes certos... Estava li-vre!...

—Livre! Livre!...

Ninguém dera por coisa alguma. Todos os olhos convergiam sobre o tormento infernal infligido a Harry.

Sherlock Holmes puxou lentamente do seu revol-ver... Embora não visse salvação possível deante dos olhos, pelo menos queria vender cara a sua vida e a do pobre discipulo.

Soaram duas detonações... dois bandidos caíram por terra inanimados. Seguiu-se um barulho infernal. A maior parte dos bandidos não soube ao principio do que se tratava: alguns julgavam que havia traidores entre elles; proferiam pragas medonhas e todos se precipitavam para a saída gritando:

—A policia! a policia? Trahiram-nos.

Soaram de novo duas detonações, e tombaram mais dois bandidos.

O conde foi o primeiro a serenar,

—Não é nada rapazes, não é nada! Não vêem que foi o rafeiro que se desprendeu? Vamos a elle! a elle! Agora disparavam tiros de todos os lados sobre o

policia: Este encostára-se á trave e tinha assim as costas protegidas e fazia fogo com pontarias certissi-mas sobre o bandido. De todos os lados porém o acos-savam atirando-lhe até com cadeiras. Mais alguns mi-nutos e a lucta acabaria desfavoravelmente para Sher-lock Holmes.

Por fim esgotaram-se-lhe as cargas do revolver. Não tinha tempo parr o carregar outra vez. Tomou uma resolução heroica, derrubou a socco os que esta-vam mais proximos e que caíam por terra no meio de altos gritos, em seguida puxou da faca e precipi-tou-se com uma força incrível para dentro do circulo dos bandidos resolvido a vender cara a vida.

A golpes certos para a direita e para a esquer-da foi abrindo caminho por entre a tumultuosa onda de facinoras que recuou comprimindo se a um canto, evitando o ataque do policia.

Holmes tinha o caminho aberto até junto do conde, o qual de *navaja* em punho ordenava aos seus cum-plices que não matassem o policia, mas que o derru-bassem dando-lhe com uma cadeira na cabeça.

No meio de todo aquelle barulho ninguém notára que a porta se abria empurrada pelo lado de fóra...

De repente pela porta aberta entraram de galgão os policias argentinos, á frente o chefe D. Rodriguez e todos de revolvers carregados.

Rebentou uma fuzilaria doida: numerosos bandidos caíram varados pelas balas, embora alguns policias fossem também feridos.

Lentamente porem os bandidos foram-se accumu-lando a um canto da adega e depois de uma grande lucta, poderam os agentes por fim apoderar-se dos que tinham escapado á morte.

Mal tinha notado o inesperado soccorro lançara-se Holmes com uma força herculea sobre a chefe do ban-do e com os seus famosos murros abatera-o por terra sem movimento. Amarral-o foi obra de um momento. Em seguida precipitou-se em soccorro de Harry cor-tou com toda a rapidez as correias que o prendiam e sacudiu com um panno que tapava o balde do visco, as innumeraveis formigas que lhe cobriam o corpo o qual todo coberto de sangue apresentava agora um aspecto horroroso.

Louvado seja Deus! os olhos estavam ainda intactos e quanto aos ouvidos e nariz depressa foi sacudido d'alli o bando de formigas que os queriam assaltar. Holmes inclinou-se para o seu companheiro e viu que o coração ainda batia; o auxilio viera a tempo.

Entretanto a lucta acabava por completo.

—Isto é que se chama chegar a tempo! disse Sher-lock voltando-se para o chefe da policia o qual estava dando as suas ordens para a remoção dos bandidos.

Dom Rodriguez saudou o affectuosamente.

—Tambem não foi nada mau que eu encarregasse dois dos meus agentes de o observarem nas suas dili-

gencias na taberna La Plata e de me avisarem imme-diatamente do que se passasse.

Viram que V. Ex.^a e o seu companheiro tinham entrado disfarçados de marujos na tal baiuca e como não os vissem sair desconfiaram do que se passava.

A casa foi então vigiada com a maior cautela e como d'alli a pouco vissem o taberneiro sair com a carroça pelo pateo, começaram-no a seguir até que o patife parou á porta do palacio Montebello.

Ora, eu suspeitava já ha muito deste individuo, sem que comtudo até hoje, tivesse podido fundar as minhas suspeitas,

Os meus agentes telefonaram-me o que tinham visto e foi então que suspeitei, ou antes adquiri a cer-teza de aqui é que era a quartel general deste bando de miseraveis. Puz-me logo a caminho com a maior quantidade de policias que tinha á minha disposição, não disse a ninguém do que se tratava para que nin-guem nos podesse escapar, e... sinto-me muito feliz por ter chegado ainda a tempo de lhe poder prestar algum auxilio, meu excelente amigo!

Harry que continuava sem sentidos foi observado por um medico que se tinha ido chamar. Envolveram-no carinhosamente em ligaduras e levaram-no para o hospital.

Holmes e o chefe da policia começaram então uma busca minuciosa a todo o palacio, e as cartas achadas no cofre do Conde Montebello di Sesto, bem como enormes quantias em oiro, notas do banco e grande porção de joias mostraram, se mais provas eram precisas, que o Conde era o chefe supremo do bando que havia annos infestava a capital da Argenti-na. D'alli em diante porém o bando estava exter-minado.

* * *

Na manhã seguinte, todos os jornaes de Buenos-Ayres traziam extensas noticias sobre a lucta que se dera na noite precedente e encimavam os artigos com o seguinte cabeçalho em grandes caracteres:

O quartel general dos Carrotti, tomado de assal-to! O conde Montebello di Sesto, chefe supremo dos terríveis bandidos! Sherlock Holmes — o liberta-dor!

Todos respiravam livremente. A capital estava emfim livre d'aquelle terrível bando! Holmes foi festejado como nunca: o governo argentino conferiu-lhe as maiores honras. O hospital para onde Harry Ta-xon fóra transportado e no qual o pobre moço estava perigosamente enfermo — o que despertara uma com-paixão universal — tornou-se o ponto de reunião de numerosas damas e meninas da mais alta sociedade argentina que o iam lá visitar e lhe levavam flores, vinhos, refrescos etc., e nenhuma se queria deixar substituir junto do valente manco como sua enfer-meira. O medico em chefe viu-se doido para dispen-sar tantos offerecimentos de serviços pois que o seu

doente o que precisava era repouso, por causa da terrível febre que o assaltára.

Pelos interrogatorios a que foram submetidos nos tribunaes os criminosos, apurou-se que o Conde Mon-tebello di Sesto não era outro senão o tesoureiro do Banco Argentino-inglez que assassinara Russell como já antes lhe assassinara a esposa e o filhinho.

Fugira de Buenos Ayres e vivera durante muitos annos no Chile d'onde se mudára depois para Nova York, onde fora membro da celebre sociedade secreta italiana Mafia, até que o terreno aqui se lhe tornou também perigoso. Havia trez annos que voltara para Buenos Ayres que fóra o primeiro theatro das suas criminosas acções. No Conde Montebello di Sesto possuidor d'um nome brilhante e de uma fortuna incalculavel ninguém reconhecera o malfetor Dona-telli.

Conseguira então recrutar entre os numerosos fa-cinoras da capital da Argentina os membros de uma associação secreta que se tornou terrível, uma espe-cie de *Mão negra* da America do Sul.

Organisou-a com todo o cuidado e conseguiu por meio dos seus crimes tornar-se o terror dos habitan-tes de Buenos-Ayres. Todo o dinheiro que o bandido gastava ás mãos largas provinha unica e exclusiva-mente dos seus crimes.

Por meio de um dos seus cúmplices que morára em Locarno, tinha sabido que o seu inimigo mortal, o inglez Philippe Russell tinha alli uma villa onde resi-dia. Resolveu pois aniquila-lo por um modo myste-rioso e vingar-se.

Diversas cartas que Russell nos ultimos tempos achara sobre a sua secretaria tinham-lhe demonstrado que estava sentenceado á morte. Um dos bandidos ti-nha-se empregado em casa de Russell como ajudante de jardineiro e descobrira um dia por acaso o segredo do caminho secreto que da capella ia dar ao gabinete secreto de Russell. Dois dos filiados no bando, entre os quaes Ulrico foram a Locarno e estrangularam Russell, ao surprehenderam-no no seu gabinete se-creto. Ulrico foi para Londres onde levantou o di-nheiro do desventurado, o que pôde levar a effeito munido como ia de todos os papeis necessarios.

Nunca o diabolico plano seria descoberto se Sher-lock Holmes não tivesse ido por acaso passar uma temporada em Locarno e se se não tivesse posto em campo perseguindo o rasto dos assassinos do seu amigo.

Donetolli, e dez dos mais culpados entre os cri-minosos, no numero dos quaes estavam Ulrico, o ta-berneiro Ricardo, e Pepe foram condemnados a mor-rer na roda. Os outros criminosos foram condemna-dos a prisão perpetua.

E assim tinha o grande policia limpo para sem-pre a cidade do mais temível dos flagellos e vingado ao mesmo tempo o seu amigo.

Entretanto Harry jazia no hospital: o caso das formigas tinha-o prostrado, uma febre violenta que lhe durou semanas esgotou-lhe as forças e foram precisos extraordinarios cuidados aos quaes Sherlock

Holmes se entregou com abnegação para que Harry se restabelesse e em seguida fosse da Argentina para a pátria.

Para se poupar a despedidas, e porque assim era já seu costume, Sherlock Holmes abandonou Buenos Ayres sem que ninguém o soubesse.

A viagem para Londres fez extraordinariamente bem a Harry e foi já fortalecido e cheio de vida que poz o pé na cidade do Tamiza a onde a senhora Bonnet o esperava toda alegre e satisfeita na sua casinha de Baker Street.

FIM

Ler no proximo numero:

A maldição de uma perola

Aventuras extraordinarias d'um policia seereta

100 maneiras de nos defendermos na rua COM ARMAS

200 Rs. 1.º volume de 160 paginas, profusamente illustrado, impresso em magnifico papei

O REI DOS MARES

AVENTURAS DO CAPITAO MORGAN

O mais famoso pirata de todos os tempos
Publicação quinzenal in-8.º grande com capa artistica a 3 côres

Nao se trata de uma personagem ficticia; Morgan existiu. Viveu e perdurou na tradiçao como o pirata mais extraordinario de todos os tempos.

O romance, rodeado de todos os encantos que lhe são proprios, lançou mão do aventureiro e da época em que assombrou o mundo com as suas façanhas. Morgan foi verdadeiramente o chefe d'essa raça de heróis indomáveis que se tornaram temidos com os nomes successivos de Bonéaneiros e Flibusteiros.

Volumes publicados

- | | |
|----------------------------------|---------------------------------|
| 1 O thesouro da ilha | 21 Entre os antropophagos |
| 2 O segredo do pirata | 22 No paiz dos celestes |
| 3 O marinheiro mysterioso | 23 O testamento do caçador |
| 4 O enigma da ilha do Coral. | 24 A jaula de ferro |
| 5 O navio negro | 25 Na fogueira do Rajah |
| 6 Os dois capitães de piratas | 26 Os piratas das ilhas Souloou |
| 7 Inimigos fiadaes | 27 O fal o inquiridor |
| 8 Expedição para a morte | 28 A mulher-pirata |
| 9 A nau do diabo | 29 A revolta dos flibusteiros |
| 10 A cidade-dos piratas | 30 Nas costas de Inglaterra |
| 11 O primeiro encontro | 31 O corsario mysterioso |
| 12 O naufragio de Morgan | 32 O rei da flibusta. |
| 13 Astucias de piratas | 33 A filha do governado. |
| 14 O terror dos mares | 34 Nos mares australianos |
| 15 O thesouro fluctuante | 35 No polo austral |
| 16 A hercina de Puna | 36 O phantasma de bordo |
| 17 O caçador de escravos | 37 A princeza captiva |
| 18 Nos mares da China | 38 O templo das serpentes |
| 19 Um thesouro no fundo do mares | 39 Os prisioneiros de cambaia. |
| 20 A conquista da diadema | 40 O palacio da morte |

As novellas em que relataremos as aventuras do CAPITAO MORGAN serão publicadas em numeros quinzenaes

Cada numero contendo uma publicação mais barata
C C C C obra completa 50 REIS de Portugal C C C C

LEIAM TODOS
O conquistador de criadas
Hilarante romance d'aventuras galantes
Um grosso volume com capa artistica e esplendidas gravuras 300

COMO SE CONQUISTAM MULHERES
Conselhos a um rapaz
1 vol. ed. de Luxo, 600 rs

Novidade Litteraria

ESCOLA DO VICIO

por Victorien du Saussay
1 vol. com capa artistica 700 rs

RENÉ EMERY
S.ª Maria Magdalena
Romance dos tempos biblicos
I A Paschoa de Formosura—
II Chamma de voluptuosidade—III Moab, terra de luxuria—IV Pela senda de amor—V Beijo supremo.

1 eleg. vol. em 8.º com artistica capa a 8 côres 700 rs.

Collecção Artistica

Publicação mensal e illustrada das mais sensacionais novidades litterarias estrangeiras

Volumes publicados

1. Arsenio Lupin, gatuno da alta roda, por Maurice Leblanc (Esg.). 2. O Homem Mysterioso, Guy de Tèramond. 3. O tumulo de gelo, Pierre Giffard. 4. Arsenio Lupin contra Herlock Sholmes, Maurice Leblanc. 5. Um grito na treva, Golsworth. 6. O Prisioneiro de Marte, G. Le Rouge. 7. O Club dos Ladrões, Henry A. Hering. 8. A Agulha deca, (Novas aventuras de Arsenio Lupin) M. Leblanc. 9. O Homem sem rosto, Paul d Ivoi. 10. A Virgem Vermelha, Pierre Giffard. 11. O Canhão do somno, Paul d Ivoi. 12. Qual dos tres? grande romance policial, A. O. Green. 13. A Guerra dos vampiros, G. Le Rouge. 14. O Pirata de Ferro, Max Pemberton. 15. As tres gatinhas, sensacional romance de aventuras, Paul d Ivoi. 16. Kowa, a mysteriosa, por Ch. Foley. 17. 813, (Novas aventuras de Arsenio Lupin), por M. Leblanc. 18. Em Férias, por Henri de Régnier. 19. O Palacio submarino, por Max Pemberton. 20. Um crime tenebroso, por A. Galopin. 21. A sombra mysteriosa, por Fergus Hume. 22. O Sonho, por E. Zola. 23. Os dez olhos d'oiro, por P. d Ivoi. 24. Um gatuno de casaca, por E. W. Hornung.

350 rs. Cada vol. in-4.º, contendo a materia de um grosso vol. in-8.º, de 300 rs. 350

Um romance completo por

OS BONS ROMANCES

Publicação mensal de grande formato

==CADA VOLUME CONTEM==
== 14:00 LINHAS ==
DE LEITURA EMPOLGANTE

Volumes publicados

- O homem das multidões, de Pierre Zaccone.
O casamento d'um forçado, de A. Bouvier.
A aposta maldita, por Jules de Gastyne.
Os Facas d'Oiro, por Paulo Féval.
As filhas do povo, por Alexis Bouvier.
O filho dos boers por Rider Hagart.
Duvida fatal, por Marcello Présvost.
O segredo da desconhecida, por J. Gastyne.
Fausto, por Raoul Verneuil.

Estes romances, seleccionados com escrupulosa attenção, comporão uma verdadeira bibliotheca popular de educação.

OS BONS ROMANCES

Publicação mensal de grande formato

200 REIS • um bom romance completo

LIVRO POPULAR

Collecção de romances dos melhores auctores

Terminada a publicação da primeira série do LIVRO POPULAR, vamos lançar a publico a segunda, sensivelmente melhorada, iniciando-a com a formosissima obra de Alexandre Dumas, filho

DIANA DE LYS

Cada volume da nova série do LIVRO POPULAR, além das modificações que julgámos dever introduzir-lhe, será resguardado por elegante **capa artistica a tres côres**, continuando a manter-se o preço de

100 réis = Cada volume = réis 100

MEMORIAS DE SÂR DUBNOTAL

O REI DOS PSYCHOLOGOS

E' uma nova sciencia a sciencia do INVISIVEL, que abraça o conjunto dos conhecimentos psycho physiologicos, os phenomenos do

Somnanbulismo
Levitação

Telepsychia
Telepathia

Suggestão
Hypnotismo

Magnetismo
Auto-suggestão

LEIAM AS MEMORIAS DE SAR DUBNOTAL

que profunda todos estes mysterios.

Lel'os é penetrar nos dominios do Sobrenatural, é simultaneamente recrear o espirito e adquirir conhecimentos scientificos.

Breve estará á venda o primeiro episodio d'esta série de novellas, que serão **absolutamente independentes uns dos outros, resguardados por uma elegante capa chromotypographica ao preço de**

50 réis = Cada volume = réis 50

Recebem-se desde já pedidos e assignaturas.

NO PRELO:

0 futuro desvendado pelas cartas